

Luiz Flávio Conceição Divino

**UFV: DOCENTES NEGROS(AS) NO “MUNDO” DOS
HOMENS BRANCOS**

Universidade Federal de Viçosa

Orientador: Sales Augusto dos Santos

Viçosa – MG
Dezembro - 2016

Luiz Flávio Conceição Divino

UFV: DOCENTES NEGROS(AS) NO “MUNDO” DOS HOMENS BRANCOS

Monografia apresentada ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Data da Defesa. Viçosa – MG, 14 de dezembro de 2016:

Sales Augusto dos Santos
Orientador

Professor
Maria Isabel de Jesus Crysostomo - DGE

Professor
Adécio de Souza Cruz - DLA

Viçosa – MG
Dezembro - 2016

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do autor.

Dedico esse trabalho a empregada doméstica aposentada, Marta Conceição Divino, e ao sindicalista rodoviário Nazareno Alves Divino “in memoriam”, meus pais. Daniela minha esposa, Jorge Fábio e Flávia Carolina meus queridos irmãos. Aos amigos e sociólogos que me apresentaram as ciências sociais, Miguel Cherba e Eleomar Nepomuceno.

Agradecimentos

É tarefa complexa agradecer a todas as pessoas que, nos momentos de serenidade ou de apreensão, fizeram ou fazem deste projeto de pesquisa, de minha formação acadêmica e de minha vida pessoal, portanto inicio agradecendo a todos que contribuíram com a pesquisa e que fazem parte de meu ciclo de amizades. Quero agradecer em especial ao meu orientador Sales Augusto dos Santos, sua dedicada orientação foi decisiva para a concretização deste trabalho, e para mim foi uma honra, obrigado. A minha mãe Marta e ao meu falecido pai Nazareno, sem eles chegar até aqui teria sido impossível, a minha segunda mãe Mariza, a minha esposa Daniela, e meus irmãos, Jorge e Flávia, todos foram fundamentais nesta conquista. A minha tia Ana Maria, e meus primos Sebastião e Leandro, vulgo “Dão”. Aos amigos Phelipe Rodrigues e André Luís, pela parceria por toda a graduação, pela força nas aulas de Economia e Estatística, por todos os seminários juntos, pela fraterna amizade. Ao amigo Nando Vasconcelos (“sussegado até o fim”). Aos amigos, Renan Monteiro (“duas horas para montar a bateria, contudo, vale a pena esperar!”), Junio Ramos (“Menino bão”), Lucio Anderson (“Salve fessor”), Danilo Campos (“Baden Powell”), Paulo Bandeira (“Guitar Hero”), Vinicius Carvalho de Paula (“Boladão”), Guilherme Oliveira (“Dodô, já diz tudo”), Victor Piva (“Groove man”), Lukas Leal (“Maestro”), Daniel Dovalle (“Poeta Francês”), Robson Júnior (“Sussegado até o fim 2”), Rafael Moyses (“direto ao assunto”), Flávio Theodoro (“UmZumbi irmão, dos Palmares não de Walking Dead”), Gerson Barbosa (“Boladão 2”), dentre outros comparsas, obrigado pela convivência social e musical. A todos os moradores e agregados das Repúblicas OCA e em especial a Cabrobó. Aos amigos do alojamento 30, atuais e eternos. A todos os docentes da UFV que contribuíram com esta pesquisa, em especial professores/as, Angel Amado - Química, Ivonete Lopes – Economia Rural, Maria Isabel - Geografia, Adécio de Souza - Letras, Neuza Maria – Economia Doméstica, Deyse Gomes – Química, Antônio Marcos – Química e Thalita de Cássia – Dança, resistência negra na UFV, obrigado pelo carinho com que receberam a mim e a esta pesquisa. Aos professores, Diogo Tourino (em destaque pelas aulas de Marx, Kant e Hegel), Marcelo José Oliveira (em destaque pelo seminário sobre o mito das três raças, hoje percebo que foi o germe desta pesquisa), Douglas Mansur (pelas descobertas antropológicas), Débora Cristina Goulart (pelo grande aprendizado durante o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), Daniela Alves (pelas descobertas sociológicas), ao professor Jeferson Boechat e a professora Marine Lila Corde (em destaque pelas experiências em Antropologia Urbana).

*“Você deve tá pensando,
O que você tem a ver com isso?
Desde o início,
Por ouro e prata,*

*Olha quem morre,
Então veja você quem mata,
Recebe o mérito, a farda,
Que pratica o mal,
Me ver pobre preso ou morto,
Já é cultural.*

(Negro Drama – Racionais MCS.)

Resumo

O objetivo desta monografia foi conhecer a composição racial do quadro de professores/as da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Portanto, esta é uma pesquisa exploratória não somente porque produzimos dados sobre essa universidade quase desconhecidos na e pela própria universidade, mas também porque havia muito poucos trabalhos sobre este assunto na UFV que pudessem servir de referência teórico-metodológica para desenvolvermos a nossa pesquisa. Realizando pesquisas na rede mundial de computadores, em web ou páginas oficiais da UFV, nas principais redes sociais, assim como coletando informações em entrevistas com professores, construímos dados quantitativos que demonstram que os/as docentes negros/as são pouquíssimos nessa universidade, assim como eles/as não estão presentes em muitos departamentos da UFV. Por meio da pesquisa é possível explorar em quais centros de ciência e/ou departamentos se concentram a maioria dos/as professores/as negros/as da Universidade Federal de Viçosa, qual a proporção de mulheres negras e mulheres brancas e o tamanho da desigualdade entre elas, assim como outras informações. Ou seja, esta pesquisa possibilita verificar não somente a baixa quantidade de professores/as negras nessa universidade, mas, principalmente, a abismal desigualdade entre a quantidade de professores/as brancos/as e negros/as.

Palavras-chaves: Raça; Ações Afirmativas; Brancocentrismo

Abstract

The aim of this monograph was to know the racial composition of the faculty of the Universidade Federal de Viçosa (UFV). Therefore, this is an exploratory research not only because we produced data about this university unknown by this institution itself, but also because there was almost no other research about it. Searching in the internet, on websites or official UFV pages, on the main social networks, as well as conducting interviews with professors, we produced quantitative data that show that black professors are very few at this university, just as they are absent in many departments of the UFV. Through the research it is possible to explore in which science centers and/or departments the majority of black professors are concentrated, the proportion of black and white women and the magnitude of the inequality between them, as well as other information. That is, this research makes it possible to verify not only the low number of black professors in the university, but, mainly, the abysmal inequality between white and black professors.

Key-words: Race; Affirmative Action; White-centrism.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Exemplo 1 de professores(as) qualificados como brancos.	21
Figura 2 – Exemplo 2 de professores(as) qualificados como brancos.	21
Figura 3 – Exemplo 3 de professores(as) qualificados como brancos.	21
Figura 4 – Exemplo 4 de professores(as) qualificados como brancos.	21
Figura 5 – Exemplo 5 de professores(as) qualificados como brancos.	21
Figura 6 – Exemplo 1 de professores(as) qualificados como pretos.	21
Figura 7 – Exemplo 2 de professores(as) qualificados como pretos.	21
Figura 8 – Exemplo 3 de professores(as) qualificados como pretos.	21
Figura 9 – Exemplo 4 de professores(as) qualificados como pretos.	21
Figura 10 – Exemplo 5 de professores(as) qualificados como pretos.	21
Figura 11 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCA.	25
Figura 12 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA segundo o sexo.	26
Figura 13 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA segundo raça/cor.	26
Figura 14 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA e por raça/cor, entre as mulheres.	27
Figura 15 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA e por raça/cor, entre os homens.	28
Figura 16 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCB.	30
Figura 17 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB e por sexo.	32
Figura 18 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB segundo raça/cor.	33
Figura 19 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB e por raça/cor, entre as mulheres.	34
Figura 20 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB e por raça/cor, entre os homens.	34
Figura 21 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCE.	36
Figura 22 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por sexo.	36
Figura 23 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por raça/cor.	38
Figura 24 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por raça/cor, entre as mulheres.	39
Figura 25 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por raça/cor, entre os homens.	40
Figura 26 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCH.	42

Figura 27 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por sexo.	43
Figura 28 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por raça/cor.	44
Figura 29 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por raça/cor, entre as mulheres.	45
Figura 30 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por raça/cor, entre os homens.	47
Figura 31 – Gráfico com a porcentagem geral de docentes por raça/cor da UFV. . .	49
Figura 32 – Gráfico com a porcentagem de docentes do sexo masculino e docentes do sexo feminino	52
Figura 33 – Gráfico com a porcentagem de docentes do sexo masculino desagregados por raça	53
Figura 34 – Gráfico com a porcentagem de docentes do sexo feminino desagregados por raça.	53
Figura 35 – Gráfico com os departamentos que não possuem nenhum professor negro	54

Lista de tabelas

Tabela 1 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Agrárias UFV.	17
Tabela 2 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Biológicas UFV.	17
Tabela 3 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas UFV.	17
Tabela 4 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes UFV.	18

Lista de abreviaturas e siglas

UFV	Universidade Federal de Viçosa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios
ENEN	Exame Nacional do Ensino Médio
UnB	Universidade de Brasília
STF	Superior Tribunal Federal
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
UREMG	Universidade Rural do Estado de Minas Gerais
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CCH	Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras
CCE	Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas
CCB	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DER	Departamento de Economia Rural

Sumário

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Breve caracterização da Universidade Federal de Viçosa (UFV)	16
2	DECISÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICA: OPERAÇÕES PRE-LIMINARES	19
2.1	Localizando e/ou identificando os/as docentes negros/as do Campus de Viçosa da UFV	19
3	DADOS QUANTITATIVOS	24
3.1	Centro de Ciências Agrárias (CCA)	24
3.2	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCB)	29
3.3	Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE)	35
3.4	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH)	41
4	ANÁLISE DOS DADOS	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	57

1 Introdução

Conforme demonstrado por Feres et al. (2013), houve, nos últimos quinze anos uma inclusão coletiva ou, se se quiser, uma inclusão em quantidade significativa ou nunca antes vista de estudantes/as pretos/as e pardos/as (assim como de estudantes/as de escolas públicas de todas as cores/raças) nas universidades federais brasileiras. Evidentemente que o país ainda está longe do ideal de inclusão de estudantes negros/as (pretos/as e pardos/as) no ensino público superior, contudo, não se pode desconsiderar avanços nessa área e, mais do que isso, que esses avanços foram e são frutos das lutas dos movimentos negros por educação conforme demonstrou Santos (2014), Santos (2015).

Mas, se por um lado, supomos que houve aumento da quantidade de estudantes negros/as nos cursos de graduação da UFV, nos últimos anos, por outro lado nos perguntamos, houve aumento da quantidade de professores/as negros/as nessa universidade? Não nos é possível responder com precisão esta questão, pois, como no caso dos/as estudantes, infelizmente não há na UFV uma série histórica de dados sobre a composição racial dos/as seus docentes. Caso houvesse essa série histórica poderíamos fazer comparações para verificar se houve aumento ou não de professores/as negros/as no quadro de docente da universidade. Contudo, podemos perguntar e não somente perguntar, mas pesquisar qual é a quantidade de docentes pretos/as e pardos/as (negros/as) da UFV nos dias atuais? Eis aí o nosso objeto de pesquisa. A nossa hipótese, que foi confirmada, era de que havia pouquíssimos docentes negros/as na UFV. O resultado da pesquisa (de poucos professores/as negros/as na UFV), por meio de uma investigação empírica, não nos permite afirmar, a priori, que é a operacionalização do racismo que está impedindo a entrada de professores/as negros/as na UFV, entretanto, os dados podem ajudar a desvendar processos de racismo e discriminação que se apresentam nas instituições públicas no Brasil ¹. Como o sociólogo Jessé Souza, concordamos que “o resultado desse tipo de investigação empírica representa, portanto, uma questão em aberto, que exige trabalho interpretativo posterior, e não, o que acredito seja a suposição de muitos, a resposta, a explicação analítica e conceitual do fenômeno.” (SOUZA, 2005, p. 44).

Mesmo concordando com Souza (2005), supracitado, pensamos que sem a produção de dados empíricos o “trabalho interpretativo” sobre a baixíssima quantidade de professores/as negras na UFV ficaria muito deficiente e/ou mesmo impossibilitaria uma análise acadêmico-científica rigorosa sobre o tema. Ou seja, esta investigação empírica se faz necessária inclusive para se fazer o “trabalho interpretativo posterior”, o que justifica fazermos este levantamento da composição racial dos/as docentes da UFV. Mais que isso,

¹ Ver conceito de racismo institucional disponível em <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>

aqui adiantamos que esta monografia visa tão somente constatar e iniciar uma discussão sobre a ausência de professores/as negros/as na UFV. O “trabalho interpretativo posterior” para verificar as causas da baixa quantidade de docentes negros/as da UFV será feito por meio de um curso de mestrado, no qual pretendo inscrever-me após a conclusão do bacharelado em Ciências Sociais.

Portanto, a nossa pesquisa teve como objetivo conhecer a composição racial dos docentes da UFV, mas com foco específico em saber qual a quantidade de docentes negros/as? Quais departamentos eles/as estão trabalhando? A quantidade de professores e professoras negras? Em quais centros de ciências há maior ou menor quantidade desses/as docentes? Há diferença significativas entre os sexos dos/as professores/as negros/as nos departamentos? Há algum departamento que concentra mais homens que mulheres negras no seu quadro de docentes e vice-versa? Contudo, é mais uma pesquisa descritiva que analítica, de produção de dados empíricos, na qual não faremos, a priori, trabalho interpretativo profundo, mas que pensamos ser necessária para a interpretação do fenômeno da baixa quantidade de docentes negros/as da UFV.

Para tal fizemos uma pesquisa exploratória², uma vez que esse é um tema pouco pesquisado na UFV, assim como raramente ele é pesquisado nas universidades públicas brasileiras³. Isto significa que também não há uma tradição teórica sobre o tema em tela. Entre os raros trabalhos, podemos citar a tese de doutorado de Santos(2007), que demonstrou na época que 72,5% dos/as professores/as da UnB se autodeclararam brancos/as, 5,1% pretos/as, 14,6 pardos/as, 2,2% eram amarelos/as, 0,6% indígena, 1,1% preferiu não declarar a sua cor/raça e 3,9% se autodeclarou em outras categorias diferentes das utilizadas pelo IBGE. Ou seja, os docentes pretos/as e pardos/as (negros/as, 19,7%) da UnB eram sub-representados/as no quadro de professores da UnB, algo característico nas universidades brasileiras conforme [Queiroz et al. \(2002\)](#). Característica que na UFV não foge a regra, como se verá mais à frente.

Mas aqui surge uma questão: como definir quem são os os/as professores/as negro/as da UFV? A questão de saber quem é negro no Brasil foi amplamente levantada e discutida entre os cientistas sociais brasileiros antes de o Supremo Tribunal Federal (STF) decidir, em abril de 2012, que as políticas de ações afirmativas para estudantes negros/as eram constitucionais e legítimas. Como demonstrou Santos (2010 e 2006), definimos ou caracterizamos como professores/as negros/as aqueles/as que são descendentes de africanos ou que tem ascendência africana, mas de pele não clara, ou seja, que tem a pele escura. Sendo assim, a definição foi feita a partir de características fenotípicas, algo que está sendo feito inclusive oficialmente⁴. E já que estamos definindo quem são os negros/as aqui, em

² Sobre o conceito de pesquisa exploratória vide [Santos \(2016\)](#)

³ Na UFV, temos conhecimento do estudo feito por [Braga \(2014\)](#), onde esse autor buscou mapear a quantidade de servidores/as negros/as da universidade e em quais postos de trabalhos se concentravam.

⁴ A Lei nº 12.990/2014 estabeleceu cotas para negros/as nos concursos públicos federais realizados pelo Poder Executivo federal. Contudo, estava e ainda está havendo tentativa de fraudes nos concursos, onde candidatos

termos de identificação, devemos enfatizar também que para nós raça é uma construção social, não tendo nada a ver com conceitos biológicos. Ou como define Santos.

Diante do exposto, a concepção de raça que norteia as reflexões deste livro não faz aliança com o conceito biológico, que designa tipos humanos distintos física e mentalmente; raça não é uma realidade natural, tampouco estabelece hierarquias naturais entre os seres humanos (como a ciência nos informa, as características biológicas não determinam o repertório cultural, social, político e psicológico-intelectual do ser humano). Embora a raça não exista cientificamente ou, caso se queira, biologicamente, ela existe socialmente. Os indivíduos fazem uso de classificações raciais no seu dia a dia, uma vez que a noção de raça transbordou os limites da ciência e ganhou abrigo no tecido social. Ela passou a ser uma ideia aceita e reproduzida pelo senso comum, tornando-se uma categoria de uso popular muito poderosa. Há uma crença ou uma consciência prática de que existem raças diferentes e até mesmo desiguais, baseada no uso descritivo da raça, que se vale, por sua vez, do fenótipo de grupos e pessoas (SANTOS, 2014, p. 20).

1.1 Breve caracterização da Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Antes de entrarmos diretamente na pesquisa, pensamos ser necessário descrever ou traçar o perfil e/ou características da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ela está localizada na zona da mata do estado de Minas Gerais, na cidade de Viçosa, onde está o seu principal campus. Mas há também os campi de Rio Paranaíba e Florestal. Este último oferece cursos técnicos concomitantes ao ensino médio, cursos técnicos ministrados após o ensino médio, bem como cursos superiores, tecnológicos e de licenciatura. O campus de Rio Paranaíba que conta com dez cursos de graduação e um de pós-graduação stricto sensu em produção vegetal.

A UFV é reconhecida no Brasil e em diversos países do mundo principalmente em face de oferecer alguns cursos considerados de prestígio internacional, especialmente alguns cursos do Centro de Ciências Agrárias. A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), o primeiro nome da UFV, foi criada por meio do Decreto 6.053, de 30 de março de 1926, do então presidente do estado Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes. Entretanto ela só foi inaugurada em 28 de agosto de 1926, pelo mesmo Arthur da Silva Bernardes, que nesse período já havia sido eleito e ocupava o cargo de presidente da República do Brasil. Em 1948 a ESAV é transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), sendo em 15 de julho de 1969 federalizada, quando finalmente passa a se chamar Universidade Federal de Viçosa (UFV).

de pele clara, isto é, brancos/as, se autodeclararam negros/as (pretos/as e pardos/as) para realizar o concurso por meio das cotas. Em face dessas tentativas de fraudes o Poder Executivo federal determinou a criação das Comissões de Aferição da Veracidade da Informação Prestada por Candidatos/as Negros/as, que se declararem pretos ou pardos, para fins do disposto no parágrafo único do art. 2º da Lei nº 12.990, de 2014. Essas comissões devem definir quem é negro conforme estabelece o § 1º, do inciso IV, do art. 2º, da Orientação Normativa n. 3, de 01 de agosto de 2016, da Secretaria de Gestão de Pessoas e Relações do Trabalho no Serviço Público, publicada no D.O.U., de 02 de agosto de 2016, que estabelece que “as formas e critérios de verificação da veracidade da auto declaração deverão considerar, tão somente, os aspectos fenotípicos do candidato, os quais serão verificados obrigatoriamente com a presença do candidato”.

Atualmente a UFV conta com 4 (quatro) centros de ciências, que são unidades acadêmicas que administram atividades de ensino, pesquisa e extensão em uma ou mais áreas de conhecimento, respeitadas as normas legais, estatutárias, regimentais e as resoluções dos órgãos competentes (Cf. Art. 24, Capítulo I, Estatuto da UFV). Em cada um desses centros há vários departamentos, sendo o Centro de Ciências Agrárias (CCA) o que tem a menor quantidade de departamentos, são 7 (sete), o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH), o que tem o maior número de departamentos, 11 (onze), o Centro de Ciências Exatas (CCE), e o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde contam com 10 (dez) departamentos cada.

Tabela 1 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Agrárias UFV.

Centro de Ciências Agrárias - CCA	
Depto. de Economia Rural	Depto. de Fitotecnia
Depto. de Engenharia Agrícola	Depto. de Solos
Depto. de Engenharia Florestal	Depto. de Zootecnia
Depto. de Fitopatologia	

Fonte: Site UFV

Tabela 2 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Biológicas UFV.

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCB	
Depto. de Biologia Animal	Depto. de Entomologia
Depto. de Biologia Geral	Depto. de Microbiologia
Depto. de Biologia Vegetal	Depto. de Medicina e Enfermagem
Depto. de Bioquímica e Biologia Molecular	Depto. de Nutrição e Saúde
Depto. de Educação Física	Depto. de Veterinária

Fonte: Site UFV

Tabela 3 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas UFV.

Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas - CCE	
Depto. de Arquitetura e Urbanismo	Depto. de Física
Depto. de Engenharia Civil	Depto. de Informática
Depto. de Engenharia Elétrica	Depto. de Matemática
Depto. de Engenharia de Produção e Mecânica	Depto. de Química
Depto. de Estatística	Depto. de Tecnologia de Alimentos

Fonte: Site UFV

A Universidade Federal de Viçosa, oferece 68 cursos de graduação nas modalidades de Bacharelado, Licenciatura, e Superior de tecnologia, distribuídos nos três campi supracitados. O de Viçosa é o principal e mais antigo campus da UFV que, por isso, oferece 45 dos cursos de graduação da universidade. Em face dessas características, assim pelo fato

Tabela 4 – Departamentos vinculados ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes UFV.

Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - CCH	
Depto. de Administração e Contabilidade	Depto. de Economia Doméstica
Depto. de Artes e Humanidades	Depto. de Educação
Depto. de Ciências Sociais	Depto. de Geografia
Depto. de Comunicação Social	Depto. de História
Depto. de Direito	Depto. de Letras
Depto. de Economia	

Fonte: Site UFV

de residirmos na cidade de Viçosa, nossa pesquisa se limitou a pesquisar somente os/as docentes do campus de Viçosa.

2 Decisões Teóricas e Metodológica: Operações Preliminares

2.1 Localizando e/ou identificando os/as docentes negros/as do Campus de Viçosa da UFV

A nossa coleta e/ou construção de dados foi realizada entre julho e novembro do ano de 2016. Uma das primeiras dificuldades que encontramos para tal, dificuldade de todo/a pesquisador/a que se desafia a trabalhar com relações raciais no Brasil, foi ter disponível dados desagregados por cor/raça dos/as docentes da UFV. Em realidade nem dados agregados dos/as docentes negros/as há nessa universidade. Portanto, teríamos que construir estes dados. Mas antes de prosseguirmos, se faz necessário definir quem são os/as negros/as em nossa sociedade.

Segundo metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entende-se como “negros” a agregação das categorias raciais ou de cor “pretos” e “pardos”¹. Aliás, segundo o Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/2010², população negra é “o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam auto definição análoga”. Ou ainda, segundo Santos, que explica e/ou justifica porque se junta as categorias pretos e pardos para formar a categoria negros:

Em consonância com uma certa tradição da pesquisa acadêmica e com institutos de pesquisa consagrados, partimos da compreensão de que não há diferença significativa entre a classificação preta ou parda no que diz respeito à mobilidade social, visto que não existem distâncias telescópicas entre as duas; as fronteiras que separam pretos e pardos tendem a se esfumar, posto que a discriminação sofrida por esses dois grupos alcança semelhante intensidade. Desse modo, é plausível agregar as categorias preto e pardo que, somadas, resultam na população negra, segundo os parâmetros estabelecidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Antes de ser uma estratégia política, a junção das duas categorias obedece aos operadores de critérios técnicos. Estatisticamente, só aparecem diferenças e desigualdades raciais significativas quando se compara esses dois grupos raciais com o grupo racial branco. Isto é, de um lado, pretos e pardos estão muito próximos em termos de obtenção ou exclusão de direitos legítimos e constitucionalmente garantidos e, de outro lado, estão bem distantes dos direitos e vantagens auferidos pelos brancos no Brasil (SANTOS, 2014, p. 19).

Após estabelecer a definição de quem é negro/a na sociedade brasileira, passamos

¹ Pardo, na definição do manual do recenseador do IBGE é uma mistura de cor, ou seja, é uma pessoa gerada a partir de alguma miscigenação, seja ela “mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça”. Manual do recenseador, IBGE, 2016, disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/metodologia/anexos/ppiloto_censo/> anexo43.pdf. Acessado em 14 de novembro de 2016.

² Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm>, Acessado em 30 de novembro de 2016.

procurá-los/as na UFV. A primeira possibilidade que pensamos em termos de identificar racialmente os/as docentes da UFV foi por meio da verificação em seu CV Lattes³. Com a implementação da Lei 12.228⁴, de 20 de julho de 2010, que instituiu o “Estatuto da Igualdade Racial”, alguns órgãos públicos federais, seguindo as determinações dessa norma, passaram a incluir a categoria raça/cor em seus formulários funcionais. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) aderiu a esse procedimento e passou a incluir em sua plataforma de currículos, denominada CV Lattes, a variável cor/raça entre os itens a serem respondidos para atualização desse documento. Entretanto, ao proprietário do CV Lattes é possível selecionar a opção “não desejo declarar” a cor/raça, opção que vem sendo adotada em nível nacional pela grande maioria dos docentes cadastrados na plataforma Lattes, assim como pelos/as docentes da UFV que têm CV cadastrado nessa plataforma, pois ao tentarmos verificar nessa plataforma quais foram os/as professores/as da UFV que se autodeclararam negros/as encontramos uma insignificante parcela nos currículos pesquisados, o campo preenchido. Os dados também não puderam ser encontrados nos cadastros desses mesmos docentes nas páginas da web, dos respectivos departamentos da UFV.

Diante da dificuldade para a coleta e/ou construção de dados, a estratégia que adotamos para tentar identificar racialmente os/as docentes da UFV foi por meio de registros visuais, isto é, por meio de fotos dos/as docentes encontradas no cadastro de cada web páginas dos departamentos⁵, assim como nas páginas online (oficiais) da UFV. Embora as fotografias dependam da sua qualidade para identificação de cor/raça do/a docente, foi o meio mais apropriado e rápido que encontramos para operacionalizar a nossa pesquisa, ante ao prazo que tínhamos para realiza-la. Em geral a qualidade de uma fotografia depende da luminosidade, visto que essa influi sobremaneira na tonalidade (ou cor) da pele do/a fotografado/a, mesmo assim, com possibilidade de erros ante a qualidade de fotografia, pensamos que acertamos mais que erramos em termos de identificação racial ou por cor, visto que adotamos, como informado acima, o critério do fenótipo do/a docente para classifica-lo/a como de pele clara (branca) ou pele escura (negra – pretos/as e pardos/as). Abaixo constam os exemplos de fotografias de professores/as que classificamos como brancos/as, bem como os que classificamos como negros/as (pretos/as e pardos/as).

³ É uma plataforma virtual criada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), no qual integra as bases de dados de currículos, grupos de pesquisa e instituições atuando em todo território nacional, em tese todo professor universitário no Brasil, possui um currículo com diversas informações de domínio público na plataforma lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br>>

⁴ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm>, Acessado em 30 de novembro de 2016.

⁵ A partir do site oficial da UFV, www.ufv.br é possível acessar o site de todos os departamentos desta instituição, onde encontram-se os cadastros com as fotos dos docentes vinculados aos departamentos da universidade.

Exemplos de professores(as) qualificados como brancos, Figuras 1⁶, 2⁷, 3⁸, 4⁹ e 5¹⁰.

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Exemplos de professores(as) qualificados como pretos, Figuras 6¹¹, 7¹², 8¹³, 9¹⁴ e 10¹⁵.

Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Dessa forma pudemos construir a composição racial dos/as docentes da UFV, classificando-os/as de acordo com as categorias raciais ou de cor utilizadas pelo IBGE: brancos/as, amarelos/as, pretos, pardos e indígenas. Depois dessa construção, como o nosso foco era verificar a quantidade de professores/as negros/as (pretos/as e pardos/as) da UFV, passamos a trabalhar somente com esses/as docentes.

Considerando que poderia haver uma margem de erro a ser gerada pela metodologia, algumas providências foram tomadas no sentido de minimizá-las. Por exemplo, os/as

⁶ Professora Bianca Aparecida Lima Costa, Departamento de Economia Rural, UFV, foto disponível em. <http://www.der.ufv.br/?page_id=11>, Acesso em 12 de Novembro de 2016.

⁷ Professor Bricio dos Santos Reis, Departamento de Economia Rural UFV, foto disponível em. <http://www.der.ufv.br/?page_id=11>, Acesso em 12 de novembro de 2016.

⁸ Professora Beatriz Santana Caçador, Departamento de Medicina e Enfermagem, UFV, foto disponível em. <http://www.dem.ufv.br/?page_id=11>, Acesso em 12 de Novembro de 2016.

⁹ Professora Camila Ferreira Azevedo, Departamento de Estatística, UFV, foto disponível em. <http://www.det.ufv.br/?page_id=706>, Acesso em 15 de Novembro de 2016.

¹⁰ Professor Bruno Tavares, Departamento de Administração e Contabilidade, UFV, foto disponível em. <http://www.dad.ufv.br/?page_id=11>, Acesso em 15 de novembro de 2016.

¹¹ Professora Ivonete da Silva Lopes, Departamento de Economia Rural, UFV, foto disponível em. <http://www.det.ufv.br/?page_id=706>, Acesso em 15 de Novembro de 2016.

¹² Professora Neuza Maria da Silva, Departamento de Economia Doméstica, UFV, foto disponível em. <http://www.det.ufv.br/?page_id=706>, Acesso em 15 de Novembro de 2016.

¹³ Professor Antônio Marcos de Oliveira Siqueira, Departamento de Química, UFV, foto disponível em. <<http://www.deq.ufv.br/area/professor/54>>, Acesso em 12 de novembro de 2016.

¹⁴ Professor Oswaldo Pinto Ribeiro Filho, Departamento de Biologia Animal, UFV, foto disponível em. <<http://www.ufv.br/dba/oswaldo.htm>>, Acesso em 12 de novembro de 2016.

¹⁵ Professora Deyse Gomes da Costa, Departamento de Química, UFV, foto disponível em. <<http://www.deq.ufv.br/area/professor/90>>, Acesso em 15 de Novembro de 2016.

docentes classificados/as como pardos/as, foram todos aqueles que não se enquadraram, mesmo de forma sutil, na qualificação de branco/a ou de preto/a, incluindo todos que tinham tez não clara ou não muito escura. Aos professores estrangeiros, parte muito pequena do universo, mantivemos o mesmo critério. Contudo, destacamos que um professor de ascendência indiana de pele mais escura foi qualificado por nós como pardo, assim como um professor caribenho (originário de Cuba), em entrevista que nos concedeu, o mesmo qualificou-se como negro, o dado foi confirmado no banco de dados após a entrevista. Os/as professores/as de ascendência oriental, geralmente classificados/as como amarelos/as nas pesquisas do IBGE, assim como os de ascendência europeia, isto é, de pele clara ou, se se quiser, branca, foram classificados, ambos, como brancos. Aqui seguimos a metodologia do IPEA, que em várias pesquisas tem juntado as categorias “branca” e “amarela”, como, por exemplo, IPEA (2011). Salientando que os professores estrangeiros somaram juntos uma parte muito pequena no universo pesquisado, não chegando a 0,5% dos professores.

A segunda dificuldade que encontramos nesse primeiro estágio da pesquisa foi o fato de diversos docentes na UFV não possuírem a sua foto na página de cadastro no respectivo departamento. Buscamos driblar essa dificuldade de três maneiras. A primeira foi buscar a foto de cada docente em seu currículo na Plataforma Lattes. Quando não encontrada a fotografia do/a docente no currículo Lattes nem nos sites oficiais dos departamentos ou da UFV em geral, buscamos uma segunda maneira, que foi procurar a foto do/a docente em plataformas de divulgação de trabalhos científicos, como, por exemplo, ResearchGate¹⁶, Academia¹⁷, dentre outros. Por fim, e como terceira tentativa, buscamos as fotos dos/as docentes na maior rede social em operação no mundo, o Facebook¹⁸. Em sua totalidade essas fontes de imagens foram encontradas a partir de uma simples busca pelo nome completo do professor acompanhada da palavra chave UFV, na plataforma de buscas Google¹⁹, que direcionavam para os bancos de dados citados. Entrevistas em vídeo concedidas pelos docentes aos meios de comunicação também foram usadas em alguns casos, todo e qualquer outro tipo de fonte de menor confiabilidade foi descartada.

Na segunda parte da pesquisa, após identificar todos/as os/as professores/as que possuíam fotografia em alguma das fontes citadas anteriormente, passamos a contatar, por e-mail, os/as professores/as que não possuíam fotografia, com o intuito de convidá-los para participar da nossa pesquisa, isto é, de uma pesquisa sobre o “Perfil dos professores da Universidade Federal de Viçosa”. Em realidade, o objetivo do questionário era saber

¹⁶ ResearchGate é uma plataforma online voltada a profissionais da área das ciências em geral e pesquisadores, sendo a maior rede online de pesquisadores com o objetivo de divulgar trabalhos científicos. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/>>

¹⁷ Academia é uma plataforma online com objetivos muito semelhantes ao descrito acima no item 19. Disponível em: <<https://www.academia.edu/>>

¹⁸ Facebook é uma empresa norte-americana que administra uma rede social online, que foi criada em 4 de agosto de 2004, e em 2012 atingiu a marca de maior rede social do mundo, com 1 bilhão de usuários ativos. Disponível em <<https://www.facebook.com/>>, Fonte: Facebook.

¹⁹ Google é uma empresa norte-americana, que administra serviço de busca de informações na rede mundial de computadores mais visitado do mundo. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>, fonte: Google.

principalmente como esses/as docentes (que não conseguimos classifica-los/as racialmente por meio da fotografia, em face da ausência dessa) se autodeclaravam racialmente. Portanto, havia no questionário a seguinte pergunta: “Considerando a classificação do quesito cor ou raça do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como você se auto classifica? 1. Preto/a, 2. Pardo/a, 3. Branco/a, 4. Amarelo/a (pessoa de origem ou ascendência asiática, ou seja, japonesa, chinesa, coreana, etc.), 5. Indígena. Para não se ter dúvidas com relação a alguns/mas professores/as qualificados/as como pardos/as, uma amostra aleatória foi contatada para responder o referido questionário, com o objetivo de confirmar ou corrigir a qualificação atribuída a partir das fotos.”

A terceira e última parte da pesquisa baseou-se em metodologia qualitativa, convidando os/as professores/as qualificados/as como pretos/as, para uma entrevista semi-estruturada com três objetivos principais: a) ratificar ou retificar a classificação racial e/ou de cor que atribuímos a eles/as a partir das suas fotos; b) conhecer um pouco do seu histórico de vida e da sua trajetória e/ou formação intelectual, quando foi perguntado, por exemplo, onde o/a docente nasceu? Onde se formou? Quais foram as dificuldades no percurso? Escolaridade dos pais? Entre outras informações; e c) e por fim e de vital importância para a pesquisa, saber se o/a docente conhece em seu departamento da UFV ou na instituição em geral outro professor pardo ou preto. Corroborando ou refutando nossos dados, as entrevistas foram realizadas entre agosto e novembro de 2016, todas nos respectivos gabinetes de cada professor em seu departamento da UFV. O trabalho traz um recorte dos trechos mais importantes das entrevistas.

3 Dados Quantitativos

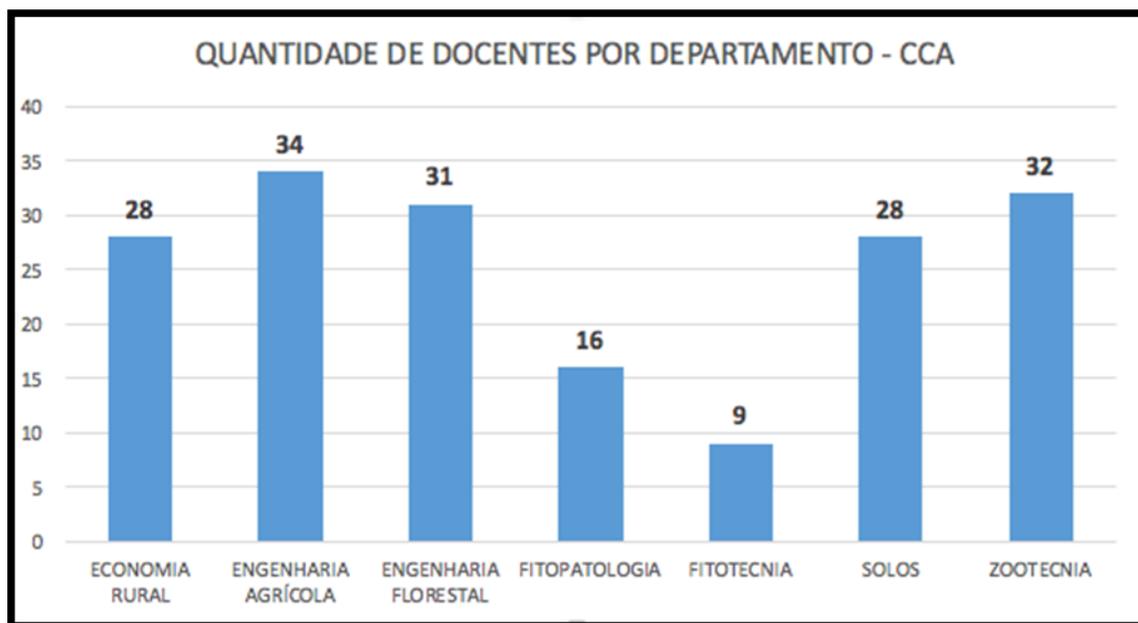
Partindo da metodologia descrita acima e tendo como principal referência as páginas da web (oficiais) de cada departamento da UFV foi possível construir um banco de dados onde o universo pesquisado foi de 918 professores, de 38 departamentos, que ministram aulas em 45 diferentes cursos de graduação. Muitos desses/as docentes também são professores/as de cursos de pós-graduação strictu sensu, com mestrado e doutorado. Contudo na pesquisa focamos nos docentes atuando nos cursos de graduação, embora alguns docentes estejam atuando nas duas áreas.

3.1 Centro de Ciências Agrárias (CCA)

O Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa, como vimos antes, tem 7 (sete) departamentos e conta com 178 (cento e setenta e oito) docentes atuando nos seus respectivos cursos de graduação e pós-graduação. É o centro mais tradicional da UFV não somente porque é o mais antigo, pois foi a partir dos cursos voltados para as ciências agrárias que surgiu a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) citada anteriormente como origem da UFV, mas também porque alguns dos seus cursos são reconhecidos internacionalmente. Nesse centro os departamentos que têm a menor quantidade de professores/as são, respectivamente, o de Fitotecnia 9 (nove) e o de Fitopatologia 16 (dezesesseis). Ao contrário, os dois departamentos que apresentam a maior quantidade de professores/as são, respectivamente, o de Engenharia Agrícola 34 (trinta e quatro) e o de Zootecnia 32 (trinta e dois), como se pode ver na Figura , abaixo. Os departamentos de Economia Rural e Solos têm, ambos, 28 (vinte e oito) docentes e de Engenharia Florestal 31 (trinta e um) professores/as. Ou seja, este último é, também, um departamento com uma quantidade significativa de docentes.

Não se deve esquecer que os dados citados acima estão agregados. Quando os desagregamos por sexo, observa-se que no Centro de Ciências Agrárias há predomínio de docentes masculinos, como se pode observar na figura 16, abaixo. Há departamentos, como o de Fitotecnia, que tem apenas 1 (uma) professora, ou seja, 11,11% dos seus docentes são mulheres e 88,89% são professores homens. Aparentemente este parece ser o caso mais desigual entre os sexos dos professores/as nesse centro. Contudo, no Departamento de Engenharia Florestal, que é o terceiro maior departamento nesse centro no que diz respeito à quantidade de docentes 31 (trinta e um), a desigualdade sexual entre os/as docentes é proporcionalmente maior, pois apenas 9,67%, ou 3, em números absolutos, são docentes mulheres e 90,33% são professores do sexo masculino. O departamento que apresenta a menor desigualdade sexual é o de Zootecnia, com 31,25% de docentes mulheres e 68,75%

Figura 11 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCA.



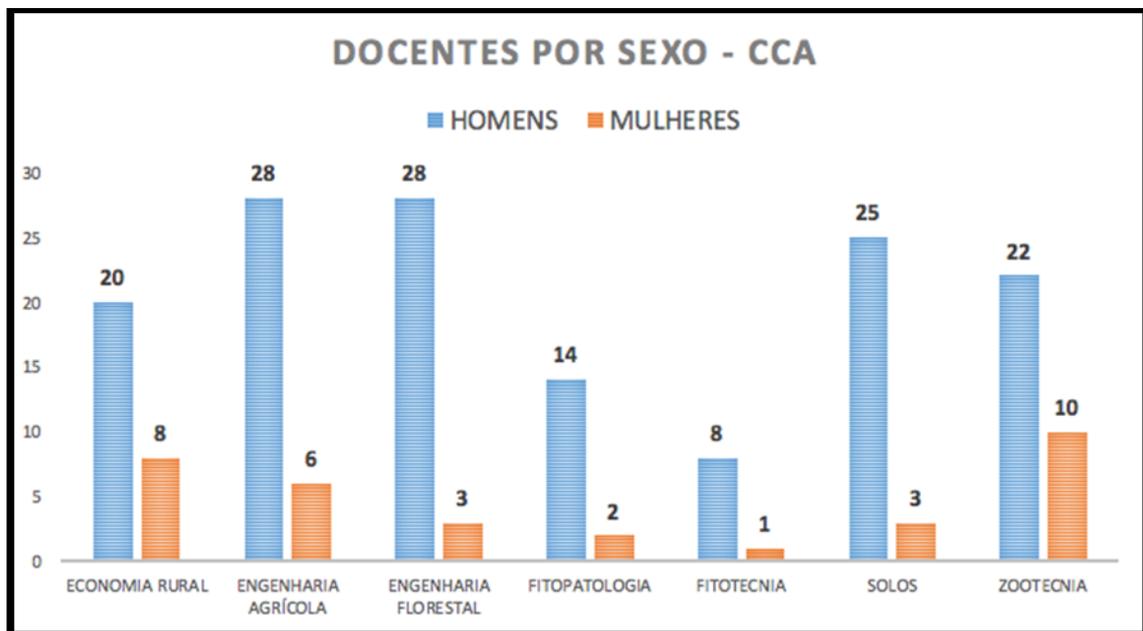
Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

docentes homens. Mesmo assim, observa-se uma gritante desigualdade entre os sexos dos professores nesse departamento, visto que quase 85% dos seus professores são homens. Deve prevalecer aqui uma visão de mundo masculina e sexista, embora somente pesquisas mais complexas e/ou profundas (especialmente qualitativas - onde as docentes mulheres pudessem manifestar abertamente as suas experiências nos respectivos departamentos, assim como no próprio centro) podem confirmar a nossa hipótese.

Mas se a desigualdade sexual de docentes é gritante no Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), a desigualdade racial é abismal. Conforme Figura 13, considerando os dados válidos, isto é excluído os docentes não identificados, há menos de 1% de docentes pretos/as, mais precisamente 0,56% nesse centro. Os/as pardos/as são 3,37% dos/as docentes, 0,56% não foram identificados/as racialmente, pois não conseguimos classifica-los, visto que não obtivemos as suas fotografias, menos ainda conseguimos entrevistá-los/as por meio de e-mail ou pessoalmente. Por último, mas não menos alarmante, 95,51% dos/as docentes desse centro de ciência são brancos/as. Deve-se lembrar que 81,46% dos docentes desse centro são homens.

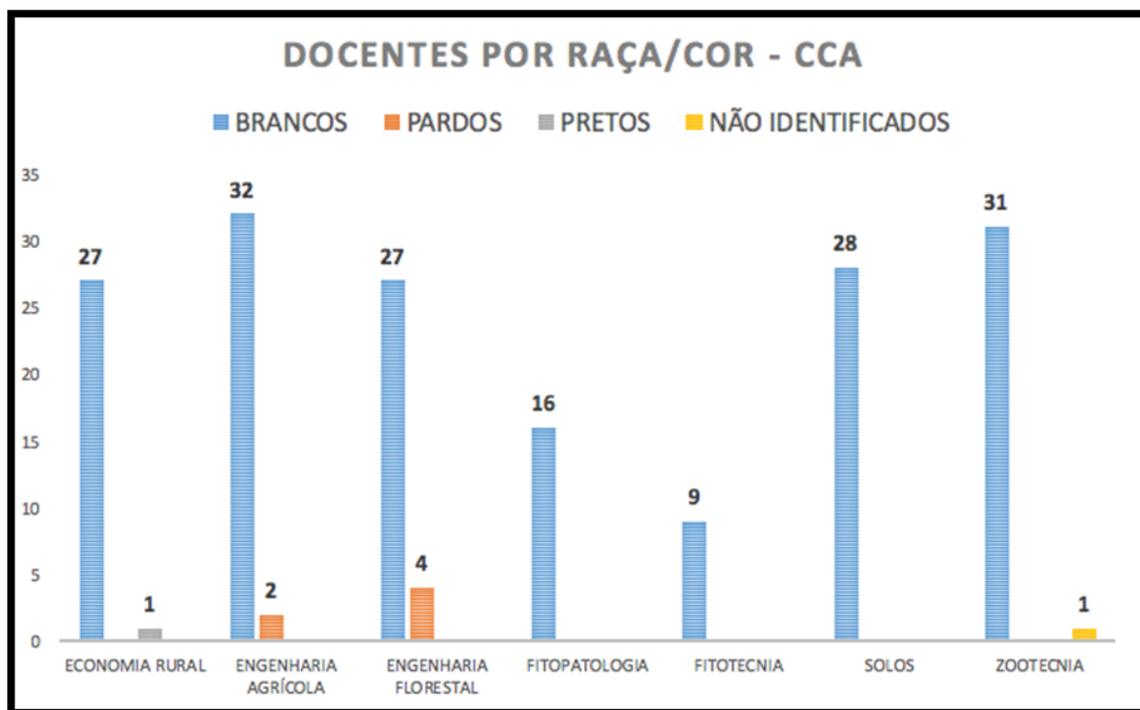
Há departamentos que são completamente brancos, como os de Fitopatologia, de Solos e o de Fitotecnia. Este último, como vimos acima tem apenas uma mulher. Ou seja, aqui se constata concretamente o que a literatura sobre desigualdades raciais tem demonstrado: que os espaços de prestígio e mando no Brasil é branco e masculino (cf. IPEA, 2011), conforme afirmado anteriormente. O mesmo se pode dizer do Departamento de Economia Rural, embora nesse departamento haja uma professora que identificamos como

Figura 12 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA segundo o sexo.



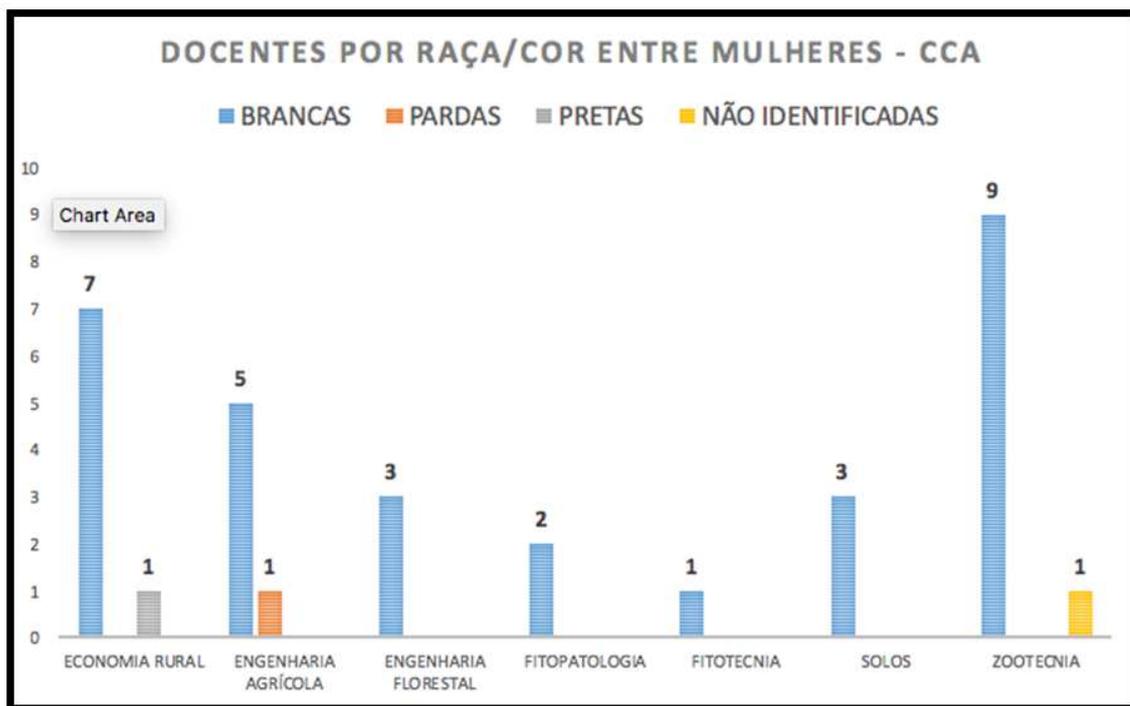
Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

Figura 13 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA segundo raça/cor.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

Figura 14 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA e por raça/cor, entre as mulheres.

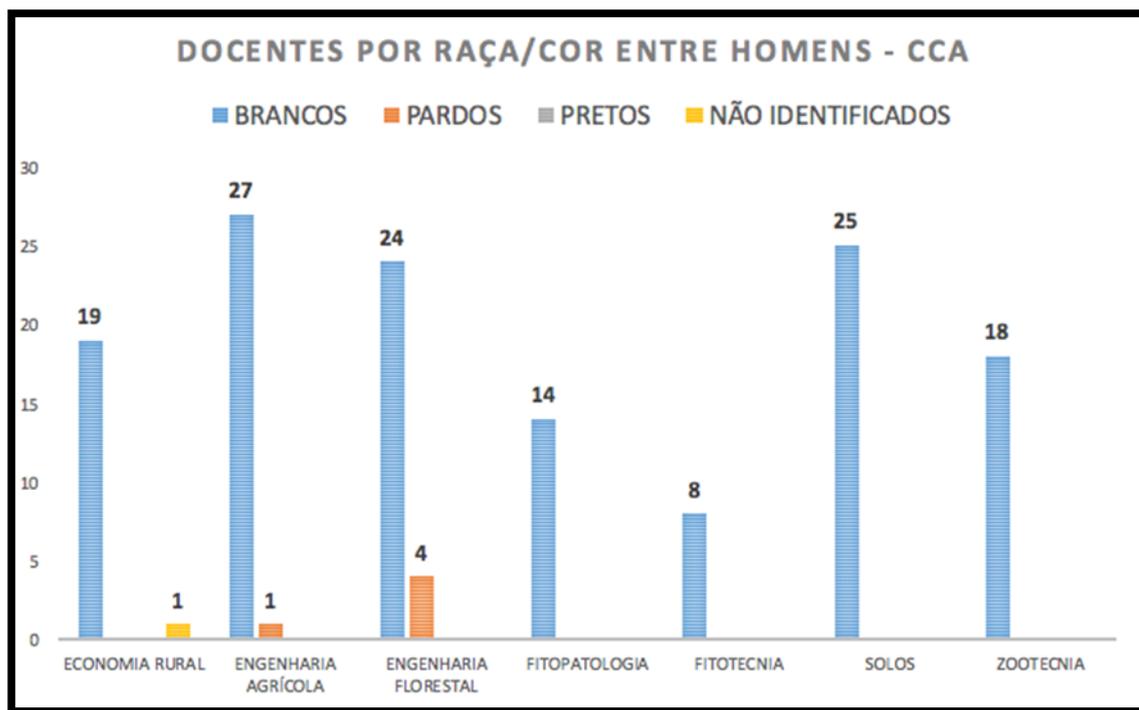


Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

preta, identificação ratificada pela própria professora quando a entrevistamos pessoalmente (cf. Lopes, 2016). Relembrando, conforme visto na Figura 12, nesse departamento há 8 mulheres e 20 homens. Ou seja, há 1(uma) mulher preta, 7 (sete) mulheres brancas e 20 (vinte) homens brancos. Como se pode observar, este é um departamento com apenas 1 (uma) docente preta ou, caso se queira, 96,43% de docentes brancos somando 27 (vinte e sete docentes). Entre os departamentos do Centro de Ciências Agrárias que identificamos docentes pretos/as e pardos/as, esse é o que tem a menor quantidade de negros/as, visto que no Departamento de Engenharia Agrícola há 2 (dois) professores/as pardos/as e 32 (trinta e dois) professores/as brancos/as, assim como no Departamento de Engenharia Florestal há 4 (quatro) docentes pardos/as e 27 (vinte e sete) professores/as brancos/as.

Quando desagregamos os dados do Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) por cor/raça e sexo dos/as docentes, conforme se pode verificar na Figura 14 (cor/raça e mulheres) e 15 (cor/raça e homens), verificamos que há mais homens negros 5 (cinco) que mulheres negras 2 (duas) nessa unidade acadêmica. Há apenas 1 (uma) mulher preta que é docente do Departamento de Economia Rural (DER), conforme citamos anteriormente, e uma mulher parda que é docente no Departamento de Engenharia Agrícola. Portanto, do total de mulheres do DER, 8 (oito), apenas 1 (uma) é preta e 87,50% são brancas. Por um lado, como só há uma docente preta e um parda no CCA, que tem 33 mulheres nesse centro, logo se conclui que do total de mulheres do CCA

Figura 15 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCA e por raça/cor, entre os homens.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

as pretas e pardas são, apenas 2 (duas). Se consideramos o total de docentes desse centro (178), ou seja, agregando homens e mulheres, verifica-se que há apenas 1,12% de mulheres negras nessa unidade acadêmica, isto é, 0,56% pretas e 0,56% pardas. Sendo assim, o que se verifica é uma desigualdade abismal entre quantidade de mulheres brancas (33) e negras (2) nesse centro.

A situação dos docentes masculinos negros do CCA é tão ou mais desigual com relação aos docentes masculinos brancos, quanto a das docentes negras desse centro com relação à quantidade de docentes brancas. Com relação aos homens desse centro, quando se compara a quantidade docentes negros 5 (cinco), com a quantidade dos docentes brancos 140 (cento e quarenta) observa-se facilmente o tamanho dessa desigualdade: ela é brutal. Relembrando, nesse centro há 145 professores homens. Assim, do total de docentes homens no CCA, apenas 3,44% são pardos e 96,56% são brancos. Relativamente, quando os comparamos apenas com os seus respectivos pares sexuais, (ou seja, homens negros com homens brancos e mulheres negras com mulheres brancas) observa-se que há proporcionalmente menos homens negros 3,44%, (os homens brancos são 96,56%), que mulheres negras, 6% (as mulheres brancas são 94%) nessa unidade da UFV. Mas há outra “curiosidade” que se pode verificar na Figura 15, qual seja, não identificamos nenhum docente masculino preto, só há pardos, enquanto entre as mulheres Figura 14 identificamos 1 (uma) docente preta e 1 (uma) parda.

Por fim, mas não menos importante, se consideramos o total de docentes desse centro (178), ou seja, agregando homens e mulheres, verifica-se que há 2,80% de docentes (homens) negros nesse centro de ciência, quantidade que é mais que o dobro das docentes (mulheres) negras aqui que é apenas 1,12%, como visto anteriormente. Ou seja, absolutamente 5 (cinco), como relativamente (2,80%) há mais docentes negros masculinos no CCA que docentes negras femininas. Estas são, absolutamente, 2 (duas) e, relativamente, são 1,12% quando comparado ao total de docentes dessa unidade acadêmica da UFV, que, como afirmamos acima, possui 178 professores/as. Deve-se destacar também que dos sete departamentos do CCA, apenas dois tem docentes mulheres negras, o DER, com uma mulher identificada como preta, e o Departamento de Engenharia Agrícola (DEA) com uma mulher identificada como parda. O mesmo se pode afirmar com relação os docentes masculinos negros, isto é, há apenas dois departamentos do CCA que têm nos seus quadros de pessoal professores negros, os Departamentos de Engenharia Agrícola e de Engenharia Florestal, sendo este último o que tem a maior quantidade de professores homens negros, 4 (quatro).

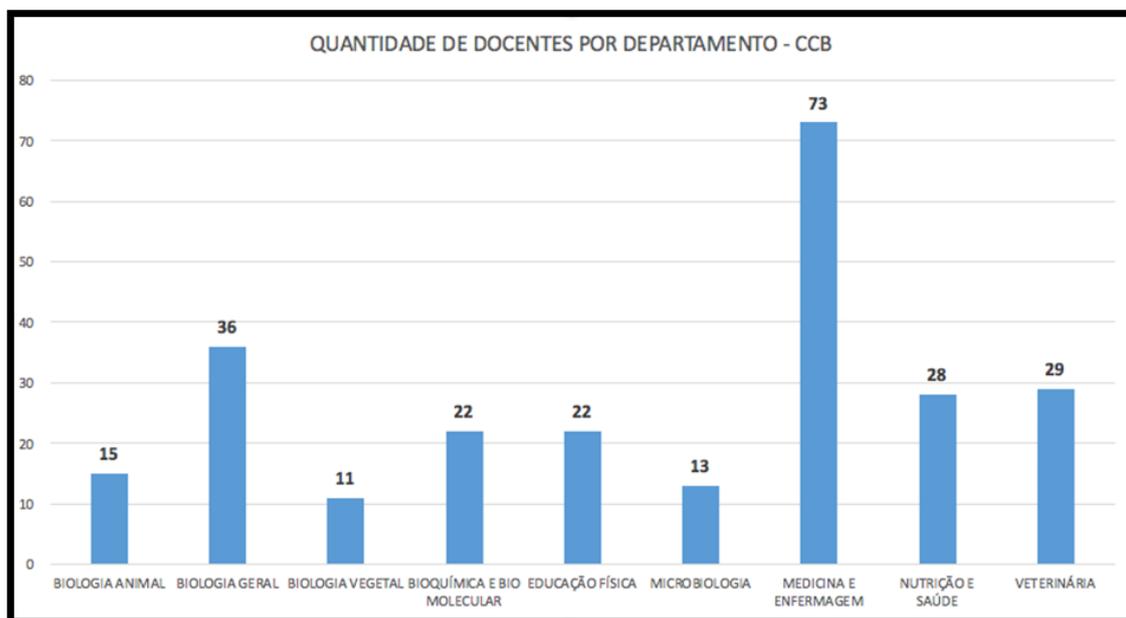
Assim sendo, observando os dados acima, pode-se concluir que neste centro de ciência da UFV, há a predominância de uma cor/raça, a branca, assim como é generificado, há o predomínio do sexo masculino. Ou seja, não há equilíbrio racial nem sexual no CCA. Ele é praticamente masculino e branco.

3.2 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCB)

O Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, (CCB), da Universidade Federal de Viçosa, conta com 249 (duzentos e quarenta e nove) docentes atuando em 9 (nove) departamentos, nos cursos de graduação e pós-graduação vinculados. O departamento de Entomologia não foi incluído na pesquisa devido ao fato de não ter sido encontrado a página da web do mesmo, apesar de constar na lista de departamento vinculados aos CCB conforme figura 2. Podemos afirmar que esse também é um centro de destaque dentro da UFV, abrigando departamentos como de Biologia Geral, Animal, Vegetal, Microbiologia, Bioquímica e Molecular que juntos somam, atuando em seus quadros 97 (noventa e sete) docentes. Outro departamento de destaque do CCB é o de Medicina e Enfermagem, que sozinho abriga 73 (setenta e três) docentes, configurando-se como o maior departamento do CCB e do campus Viçosa da UFV, e que abriga o curso de medicina de maior concorrência nos exames seletivos da universidade. Os menores departamentos do centro são os de Biologia Vegetal com 11 (onze) docentes e o de Microbiologia com 13 (treze) docentes, conforme figura 20.

Diferente do CCA, quando desagregamos os dados por sexo, observamos que no CCB encontra-se uma divisão mais equitativa entre homens e mulheres, e pequeno predomínio feminino quando observados todos os docentes do centro, 52,61% mulheres

Figura 16 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCB.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

e 47,39% homens. Os departamentos onde a distribuição é mais igualitária, conforme figura 21, são: departamento de Biologia Animal onde 53,33% dos docentes são mulheres e 46,67% dos docentes são homens; os departamentos de Bioquímica e Educação Física onde 54,55% dos docentes são homens e 45,45% dos docentes são mulheres, em ambos os casos. Em três departamentos temos predomínio masculino: departamento de Biologia Geral com 63,89% de docentes homens e 36,11% de docentes mulheres; o departamento de Biologia Vegetal, que nos apresenta como o caso mais intenso de predominância masculina dentro do CCB, com 90,91% docentes homens e 9,09% de docentes mulheres. Em outras palavras, há nesse departamento somente 1 (uma) mulher num universo de 11 (onze) homens. Mas há predominância de homens em outros departamentos do CCB. Por exemplo, o departamento de veterinária tem 68,97% de docentes homens e 31,03% de docentes mulheres. As mulheres são maioria em quatro dos nove departamentos do CCB, com destaque para o departamento de nutrição e saúde, onde a maioria feminina é esmagadora, sendo 96,43% de docentes mulheres e 3,57% de docentes homens. O outro departamento onde as mulheres são maioria absoluta é o de Medicina e Enfermagem. Nele há 73 (setenta e três) docentes sendo 45 (quarenta e cinco) mulheres e 28 (vinte e oito) homens, ou seja, 61,54% dos docentes são mulheres e 38,36% dos docentes são homens. No departamento de Microbiologia há 13 (treze) docentes, sendo 8 (oito) mulheres (61,90%) e 5 (cinco) homens (38,10%). Já no Departamento de Biologia Animal há 15 (quinze) docentes, sendo que 46,67% são homens 7 (sete) e 53,33% são mulheres 8 (oito).

Pensamos que para compreender a predominância feminina no CCB, e a forma como se distribuem os sexos entres os cursos na UFV, faz-se necessário conhecer o conceito

de divisão sexual do trabalho ¹. Segundo [Hirata e Kergoat \(2007\)](#), esse conceito se refere a forma de divisão do trabalho social que decorre das próprias relações sociais entre homens e mulheres, dentro de diferentes sociedades. Uma de suas principais características seria a designação dos homens ao trabalho nas esferas produtivas e das mulheres as esferas reprodutivas, e, concomitantemente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado. Seria uma perspectiva interessante a ser explorada.

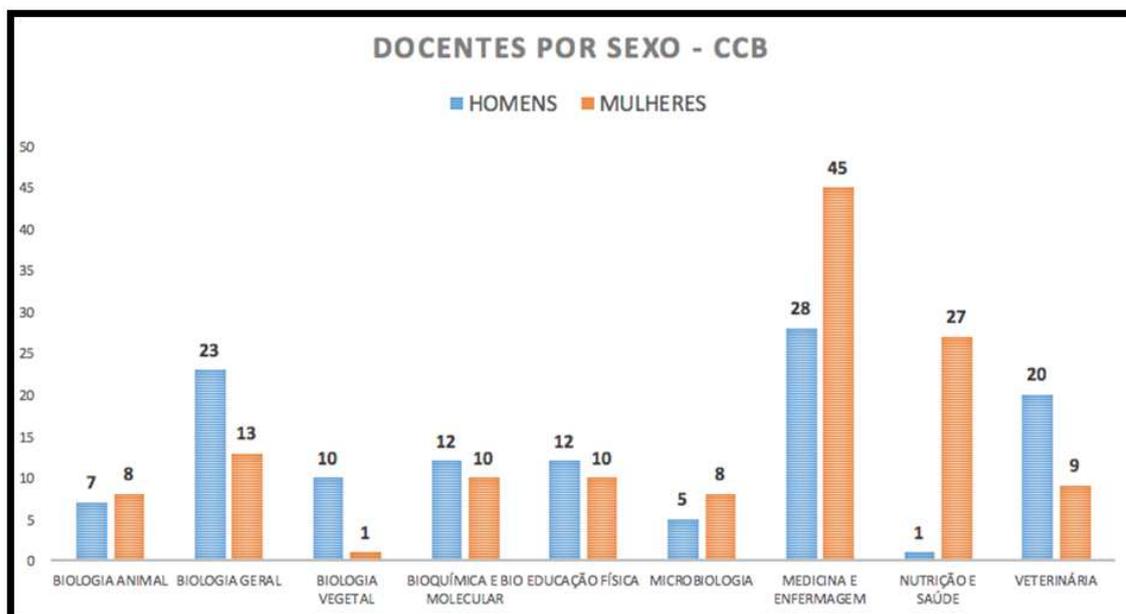
Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. ([HIRATA; KERGOAT, 2007](#), p. 599).

Entretanto, se a desigualdade sexual no CCB é pequena, contando com um leve predomínio feminino, a desigualdade racial se apresenta tão gritante como no CCA. Dos 249 (duzentos e quarenta e nove) docentes, 86,35% são brancos, 5,62% são pardos, 1,61% são pretos e 6,43% de docentes não foram identificados, conforme se observa na figura 22. Um dado importante que se revela é que no CCB, o centro de maior equidade em relação a homens e mulheres (53,33% de docentes mulheres e 46,67% de docentes homens), a racialização não desaparece com a maior igualdade entre os sexos, visto que há predominância significativa de docentes brancos/as. Um departamento se destaca por ter 100% docentes brancos/as, o de Biologia Vegetal. Ao que tudo indica, o departamento de Biologia Geral também é 100% branco. Contudo, não podemos fazer esta afirmação com convicção porque não conseguimos identificar um/a dos/as seus/suas docentes, quer por fotografia, quer por entrevista via e-mail e/ou pessoalmente.

O departamento com o maior número de docentes negros do CCB é o de Educação Física, Figura 18, com 1 (um) de docente preto e 6 (seis) docentes pardos. Isto significa também que este é o departamento com o menor número de professores brancos/as do CCB, 68,18% ou 15 (quinze) docentes. Ao contrário, o departamento de medicina, depositário de grande prestígio social em qualquer universidade federal brasileira, conta com 1 (um) docente preto e 64 (sessenta e quatro) docentes brancos. Contudo, cabe salientar duas curiosidades com relação a esse departamento. Primeira, ele não é um departamento exclusivo da medicina, é de medicina e enfermagem. Mas mais ainda, o/a professor/a preto/a que foi identificado é enfermeiro/a e não médico/as. Logo, podemos concluir que os/as médicos desse departamento que conseguimos identificar são 100% brancos/as. Segundo, o Departamento de Medicina e Enfermagem foi o que apresentou o maior índice de docentes não identificados racialmente do CCB, 10,96% ou 8 (oito) docentes. Mas há outros departamentos do CCB que têm escancarada desigualdade racial, como os departamentos

¹ Para Saber mais sobre o conceito de divisão sexual do trabalho ver, [Hirata e Kergoat, 2007](#).

Figura 17 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB e por sexo.



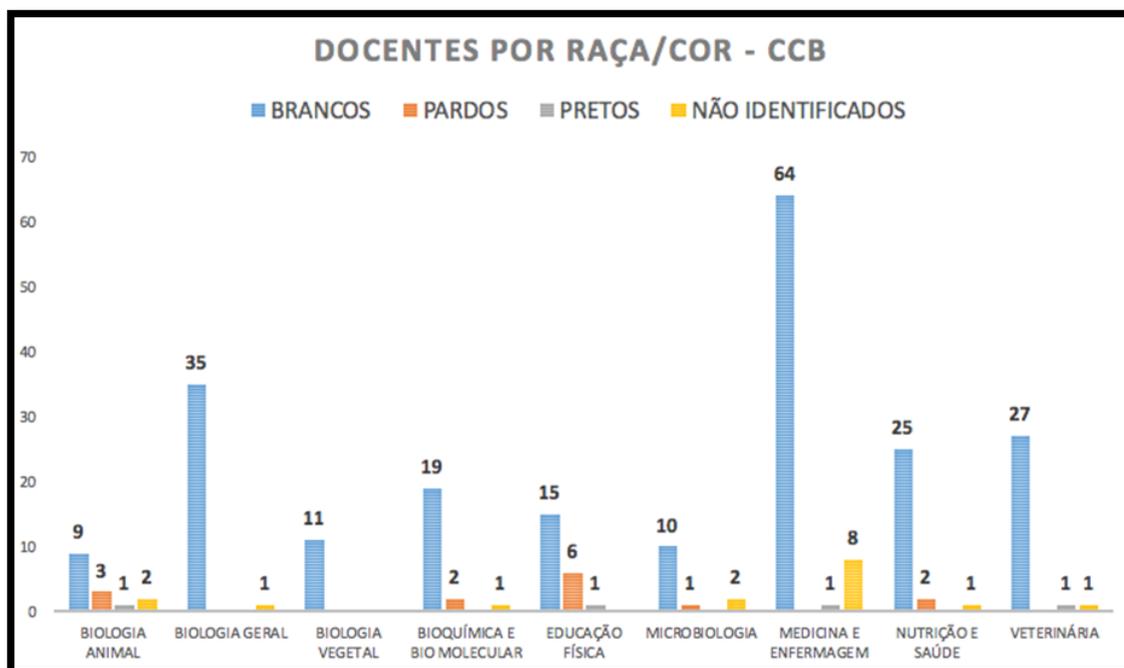
Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

de: a) veterinária, com 93,10% de docentes brancos/as, 3,45% de docentes pretos/as e 3,45% docentes não identificados por nós; b) Bioquímica e Biomolecular com 86,36% docentes brancos/as, 9,00% de docentes pardos/as e 4,54% docentes não identificados; e c) Nutrição e Saúde com 89,29% de docentes brancos/as, 7,14% de docentes pardos/as e 3,57% docentes não identificados.

Quando desagregamos os dados CCB por cor/raça e sexo dos/as docentes, conforme se pode verificar nas Figuras 19 (cor/raça e mulheres) e 20 (cor/raça e homens), notamos que nesse centro de ciência temos 9 (nove) professoras negras e 8 (oito) professores negros. No que diz respeito às mulheres docentes, em quatro departamentos não identificamos nenhuma docente negra: Biologia Geral; Biologia Vegetal; Bioquímica e Biomolecular; Microbiologia. Estes possuem 100% de mulheres brancas. Entretanto não podemos deixar de destacar o Departamento de Medicina e Enfermagem que possui 45 docentes mulheres, um número bastante significativo para esta universidade, tem somente uma docente negra, sendo, portanto, 93,33% das suas docentes brancas. O Departamento de Nutrição e Saúde conta com a maioria absoluta de docentes mulheres do CCB, 96,43%. Mas conta também com a maioria absoluta de mulheres brancas, 92,59%.

Os departamentos do CCB que se “destacam” pela presença de docentes negras são os de Biologia Animal e de Educação Física, com 3 (três) docentes cada um. Neste último, o Departamento de Educação Física as professoras negras são 30% de seu quadro de docentes mulheres, 3 (três), sendo 2 (duas) pardas 20%, e 1 (uma) preta 10%. Já no Departamento de Biologia Animal as professoras negras são 37,50% de seu quadro

Figura 18 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB segundo raça/cor.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

de docentes mulheres, sendo todas elas pardas, 3 (três). Sendo assim, apesar de maior igualdade em relação ao sexo no CCB, a desigualdade racial entre as mulheres também é imensa nesse centro, resultando, no geral, 87,02% de mulheres brancas contra 6,87% de mulheres negras.

Quando olhamos o universo masculino do CCB, como apresentado na Figura 20 abaixo, observamos que os casos mais escandalosos de desigualdade racial, concentram-se em quatro departamentos: Biologia Geral, Biologia Vegetal, Veterinária e Medicina/Enfermagem. Esses quatro departamentos não têm nenhum docente negro do sexo masculino em seus quadros de professores. São 100% compostos por professores brancos. Cabe ressaltar que o Departamento de Medicina e Enfermagem contou com a maior porcentagem de docentes não identificados no CCB, 21% dos dados. O departamento de Nutrição e Saúde que é majoritariamente feminino, conta com apenas 1 (um) docente homem, identificado por nós como pardo.

Os departamentos menos desiguais com relação à comparação dos docentes masculinos por cor/raça são: a) o Departamento de Educação Física, que conta com 25% de professores negros, sendo 16,67% pardos, 2 (dois) docentes, e 8,33% pretos 1 (um) docente, mas 75% de professores brancos, 9 (nove) docentes; b) o Departamento de Microbiologia, com 1 (um) professor pardo, 60% professores brancos e 20% não identificados; e c) o Departamento de Biologia Animal com 1 (um) professor preto, 71,42% professores brancos e 14,29% professores não identificados. Da mesma forma que o universo feminino, o

Figura 19 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB e por raça/cor, entre as mulheres.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

Figura 20 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCB e por raça/cor, entre os homens.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

masculino do CCB também conserva grande desigualdade racial: 86,44% dos docentes são brancos, 5,08% são pardos, 1,69% são pretos e 6,78% de docentes não foram identificados.

Observando de uma forma geral os dados relacionados ao CCB, percebe-se, como CCA, uma enorme desigualdade racial entre os seus/suas docentes, visto que, agregando homens e mulheres, o centro conta com 86,35% de docentes brancos, 5,62% pardos, 1,61% pretos e 6,43% docentes não identificados, lembrando que no CCA temos 95,48% de

docentes brancos, 3,39% de pardos, 0,56% de pretos e 0,56% não identificados.

3.3 Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE)

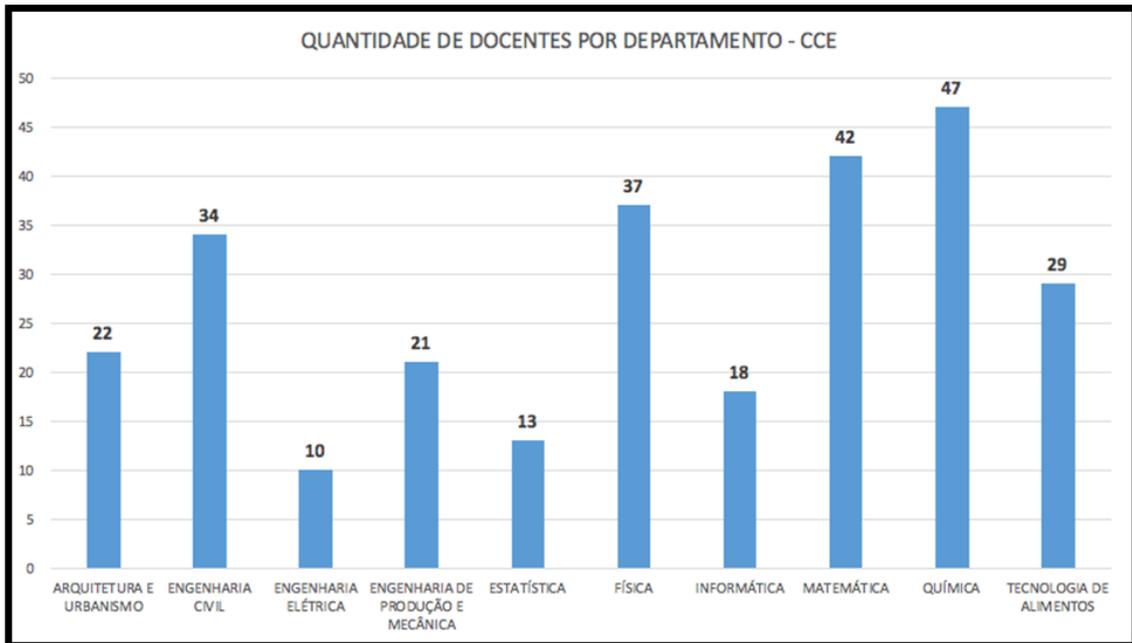
O Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE) da Universidade Federal de Viçosa, conta com 273 (duzentos e setenta e três) docentes atuando em 10 (dez) departamentos com cursos de graduação e de pós-graduação. O centro agrega diversos cursos de alta demanda dentro da UFV e no meio acadêmico em geral como, por exemplo, os de Engenharia Civil, Elétrica, Produção e Mecânica, Arquitetura, Informática, Química entre outros. Nesse centro os departamentos que se destacam pela maior quantidade de docentes são, respectivamente, como apresentados na Figura 21, o de Química 47 (quarenta e sete), Matemática 42 (quarenta e dois), Física 37 (trinta e sete) e o de Engenharia Civil 34 (trinta e quatro). Ao contrário, os departamentos com menor número de docentes são os de Engenharia Elétrica 10 (dez) e Estatística 13 (treze), conforme Figura 21.

Quando desagregados por sexo, diferente do fato observado no CCB (com distribuição mais igualitária e até maior quantidade das docentes mulheres em relação à quantidade de docentes homens), no CCE observamos novamente um predomínio majoritário de docentes masculinos, visto que 73,63% dos professores desse centro são homens e 26,37% são mulheres. O predomínio do sexo masculino se apresenta de forma indiscutível em 60% dos departamentos, como se observa na figura 26 abaixo. Por exemplo, o Departamento de Física conta com 97,30% de docentes homens e 2,70% de mulheres; o Departamento de Informática conta com 94,44% de docentes homens e 5,56% de mulheres; no Departamento de Engenharia Elétrica 90% dos docentes são homens e 10% são mulheres; no Departamento de Estatística 84,62% dos docentes são homens e 15,38% são mulheres; no Departamento de Engenharia Civil 82,35% dos docentes são homens e 17,65% são mulheres; por último, mas não menos desigual com relação ao sexo, o Departamento de Engenharia Mecânica tem 76,19% de docentes homens e 23,81% mulheres. Dos departamentos descritos, três contam com apenas 1 (uma) mulher em seu quadro docente, Engenharia Elétrica, Física e Informática. E o Departamento de Estatística tem duas mulheres docentes.

Em alguns departamentos do CCE, a distribuição dos docentes por sexo é mais igualitária, como, por exemplo, os departamentos de: a) Arquitetura e Urbanismo, que conta com 50% de docentes homens e 50% de docentes mulheres; b) o Departamento de Matemática, conta com distribuição por sexo próxima, 54,76% de docentes homens e 45,24% mulheres; e c) o Departamento de Tecnologia de Alimentos, com 62,07% docentes homens e 37,93% docentes mulheres e por fim o Departamento de Química com 68,09% de homens e 31,91% de mulheres.

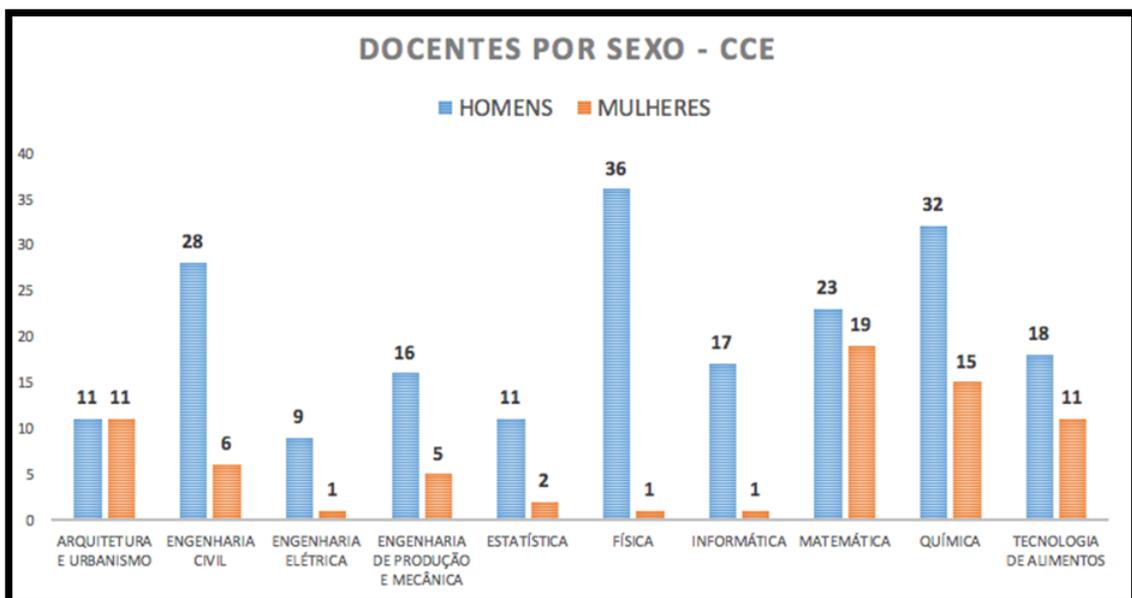
Considerando a distribuição por cor/raça dos docentes do CCE, não é difícil perceber, por meio da Figura 23 abaixo, que o CCE também se configura como um centro

Figura 21 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCE.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

Figura 22 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por sexo.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

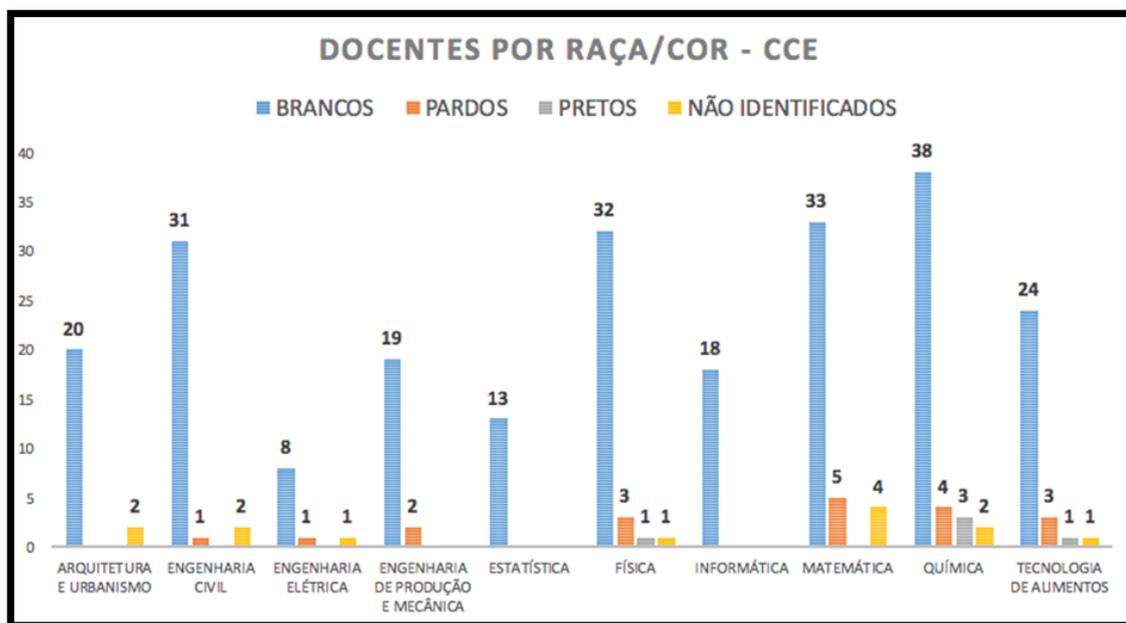
de ciências majoritariamente branco como todos os centros de ciências da UFV analisados até então. Do total de docentes do CCE, identificamos 86,45% como brancos, 6,96% como pardos e 1,83% como pretos. Infelizmente não conseguimos identificar racialmente, quer por fotografias, quer por entrevistas pessoais ou por e-mail, 4,76% dos docentes desse centro.

No CCE também encontramos algumas unidades acadêmicas onde inexistente a presença de docentes negros, como os departamentos de Estatística, Informática e Arquitetura e Urbanismo. Cabe salientar que nesse último departamento 9%, ou (2) dois, docentes não foram identificados racialmente por nós, o que nos impede de afirmar que ele é um departamento completamente composto por professores/as brancos/as, como os dois primeiros. Todavia, há uma grande probabilidade que o Departamento de Arquitetura e Urbanismo também seja composto só por professores/as brancos/as.

Mas nos departamentos onde há presença de docentes negros/as, a distribuição conserva-se, como nos demais centros já analisados anteriormente, a distância de representar a proporção de negros/as da sociedade brasileira. Temos como exemplo o departamento de Engenharia Civil, onde 91,18% dos docentes são brancos/as, 2,94% são pardos/as e 5,88% não foram identificados/as. Outro exemplo notável de falta de equilíbrio racial entre a quantidade de professores/as verifica-se no Departamento de Física, onde 86,49% dos docentes são brancos/as, 8,11% são pardos/as e 2,70% são pretos/as. Observe que estas porcentagens são números relativos. Em números absolutos pode-se perceber mais acuradamente a desigualdade racial nesse departamento. Nele há 37 (trinta e sete) professores, havendo apenas 1 (um/a) docente preto/a e 3 (três) pardos/as. Vale observar aqui que o Departamento de Tecnologia de Alimentos tem idêntica quantidade de professores/as pretos/as e pardos/as ao de Física, correspondendo a 82,76% de brancos, 10,34% de pardos e 3,45% de pretos, como se pode observar na Figura 23. Outros/as docentes pretos/as serão encontrados no Departamento de Química, onde identificamos a maior quantidade de docentes pretos no CCE, 3 (três), que corresponde a 6,38% dos/as docentes desse departamento. Contudo, não se pode esquecer que o Departamento de Química conta com o maior número de docentes do CCE, 47 (quarenta e sete) professores. Há também departamentos com quantidade “razoável” (quando comparado com outros departamentos desse centro) de professores/as pardos/as, como o próprio Departamento de Química, com 4 (quatro) professores/as ou 8,51% de seus docentes e o Departamento de Matemática com 5 (cinco) professores/as ou 11,90% de seus docentes.

Quando desagregamos os dados do CCE por cor/raça e sexo dos/as docentes, conforme se pode verificar nas Figura 24 (cor/raça e mulheres) e 25 (cor/raça e homens), observamos que, como no CCA, há mais docentes homens negros 16 (dezesesseis) que mulheres negras 8 (oito), ou seja, há no CCE exatamente o dobro de docentes homens negros em relação a professoras mulheres do mesmo grupo racial de pertença. Dos 10

Figura 23 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por raça/cor.



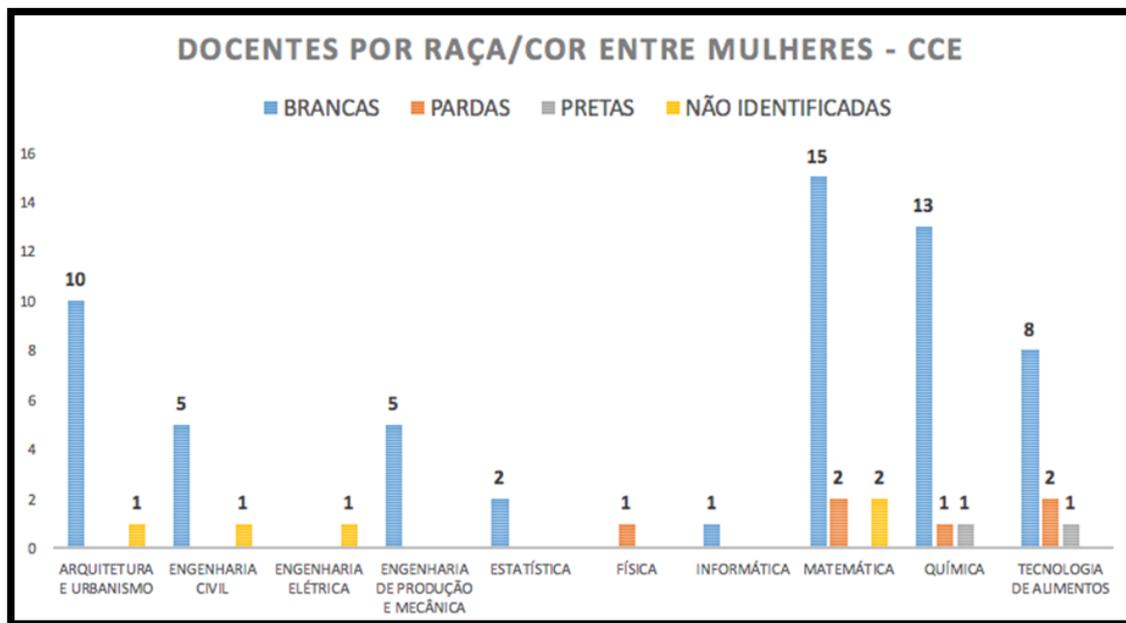
Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

(dez) departamento do centro, só identificamos docentes negras em 4 (quatro), como se verá a seguir, sendo que apenas em 2 (dois) há docentes pretas, embora haja docentes pardas nos outros quatro. Por exemplo, no departamento de Tecnologia de Alimentos, há 9,09% docentes pretas, que corresponde a 1 (uma) professora, 18,18% pardas, que corresponde 2 (duas) professoras, e 72,73% brancas, que corresponde a 8 (oito) professoras. No departamento de Química há 6,67% docentes pretas, que também corresponde a 1 (uma) única docente, 6,67% docentes pardas e 86,67% docentes brancas. No departamento de Matemática 10,53% das docentes mulheres são pardas, mas não há nenhuma docente preta. Por fim o Departamento de Física, revela uma curiosidade, pois o departamento conta com trinta e sete docentes, sendo trinta e seis homens e uma mulher que identificamos como parda. Algo que se apresenta de modo inverso no Departamento de Informática, que também só tem uma docente mulher, mas essa foi identificada como branca, conforme a Figura 24 abaixo.

Nos demais departamentos CCE, nenhuma docente mulher negra foi identificada por nós. Por exemplo, o Departamento de Estatística conta com 2 (duas) professoras brancas, o de Engenharia de Produção e Mecânica conta com 5 (cinco) professoras brancas, o de Engenharia Civil tem 5 (cinco) professoras brancas e 1 (uma) não identificada, o de Arquitetura e Urbanismo 10 (dez) professoras brancas e uma não identificada, assim como o Departamento de Engenharia Elétrica, tem apenas uma docente mulher, entretanto não conseguimos identificá-la em relação à raça/cor.

Observando de forma geral o CCE, em relação a raça cor entre as docentes mulheres,

Figura 24 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por raça/cor, entre as mulheres.



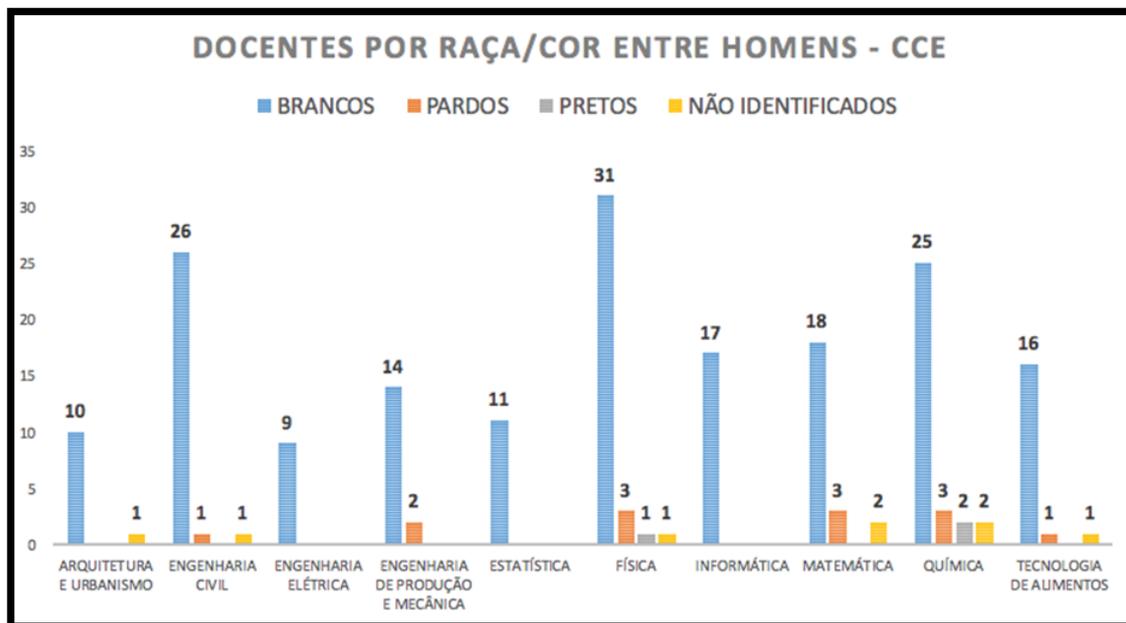
Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

temos um total de 81,94% de docentes brancas, 8,33% de docentes pardas, 2,78% de docentes pretas e 6,94% de professoras não identificadas racialmente. Mesmo que todas essas últimas docentes viessem a ser identificadas como pretas ou pardas no futuro (hipótese que achamos difícil de ser concretizada, visto que a tendência é que senão todas elas, mas a maioria deve ser branca), isso nem de longe diminuiria a desigualdade abismal entre a quantidade de docentes brancas (81,94%) e as demais docentes do CCE pertencentes a outros grupos raciais.

Com relação aos docentes homens do CCE, a desigualdade racial entre os mesmos tem, de um lado, maior amplitude e, de outro lado, menor índice de docentes não identificados racialmente, conforme se pode observar na Figura 25 abaixo. No CCE 88,06% dos docentes homens são brancos, 6,47% são pardos, 1,49% são pretos e 3,98% dos docentes não foram identificados. Observando somente os docentes homens, quando comparado com as mulheres desse centro de ciência, encontramos um número menor de departamentos composto apenas por professores brancos, ou seja, com 100% de docentes brancos: o Departamento de Informática, o de Estatística e o de Engenharia Elétrica, mas o Departamento de Arquitetura e Urbanismo tem 10 (dez) professores brancos e 1 (um) não identificado. Professor esse que levantamos a hipótese de que é branco.

Contudo, apesar da presença de docentes negros nos outros 6 (seis) departamentos do CCE, a proporção continua seguindo a tendência de alta quantidade de professores brancos e baixa quantidade de docentes negros em todos os outros departamentos, senão

Figura 25 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCE e por raça/cor, entre os homens.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

vejamos. Os departamentos onde encontramos professores pretos são 2 (dois), Química e Física. No Departamento de Química há, por um lado, 2 (dois) docentes pretos, o que corresponde a 6,25% do total de docentes homens dessa unidade acadêmica, por outro lado, há 78,13% docentes brancos, que corresponde a 25 (vinte e cinco), e 6,25% docentes não foram identificados por nós. O departamento de Física conta com 1 (um) docente preto, que corresponde a 2,78% do total de professores, os brancos são 86,11% e 2,78% dos docentes não foram identificados. Nos departamentos de Engenharia Civil, Produção e Mecânica, Matemática e Tecnologia de Alimentos, só foram identificados docentes pardos. Ou seja, também em posição de gritante desvantagem numérica em relação aos docentes brancos, visto que na Engenharia Civil há 92,86% professores brancos, na Engenharia de Produção e Mecânica há 87,50% docentes brancos, na Matemática há 78,26% professores brancos e, por fim, na Tecnologia de Alimentos há 88,89% professores brancos.

Por fim, se consideramos o total de docentes desse centro 273 (duzentos e setenta e três), ou seja, agregando homens e mulheres, verifica-se que os dados são muito próximos aos dados do CCA e do CCB, uma que no CCE, como visto anteriormente, identificamos 86,45% professores brancos, 6,96% pardos e 1,83% pretos. Não foi possível identificar racialmente 4,76% dos docentes desse centro.

Assim sendo, observando os dados acima, pode-se concluir que o CCE da UFV também há a predominância de uma cor/raça dos/as seus/suas docentes, a branca, assim como também é generificado, pois há o predomínio de professores do sexo masculino. Ou

seja, não há equilíbrio racial nem sexual tanto no CCE, semelhante ao que ocorre no CCA. Estes dois centros de ciência são praticamente masculinos e brancos. Até aqui, ou seja, até este momento da nossa análise, somente o CCB apresenta uma distribuição mais equitativa em relação ao sexo dos docentes, tendo um leve predomínio feminino. Todavia, em relação a raça/cor dos seus docentes, esse último centro também é praticamente branco. Ou seja, se, por um lado, não podemos afirmar que nesses três centros de ciência há o predomínio dos homens brancos, visto que no CCB há um certo equilíbrio de sexo entre os/as docentes, por outro lado, podemos dizer que esses três centros de ciência são completamente racializados, pois há o predomínio absoluto de professores/as brancos/as em seus quadros de docentes.

3.4 Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH)

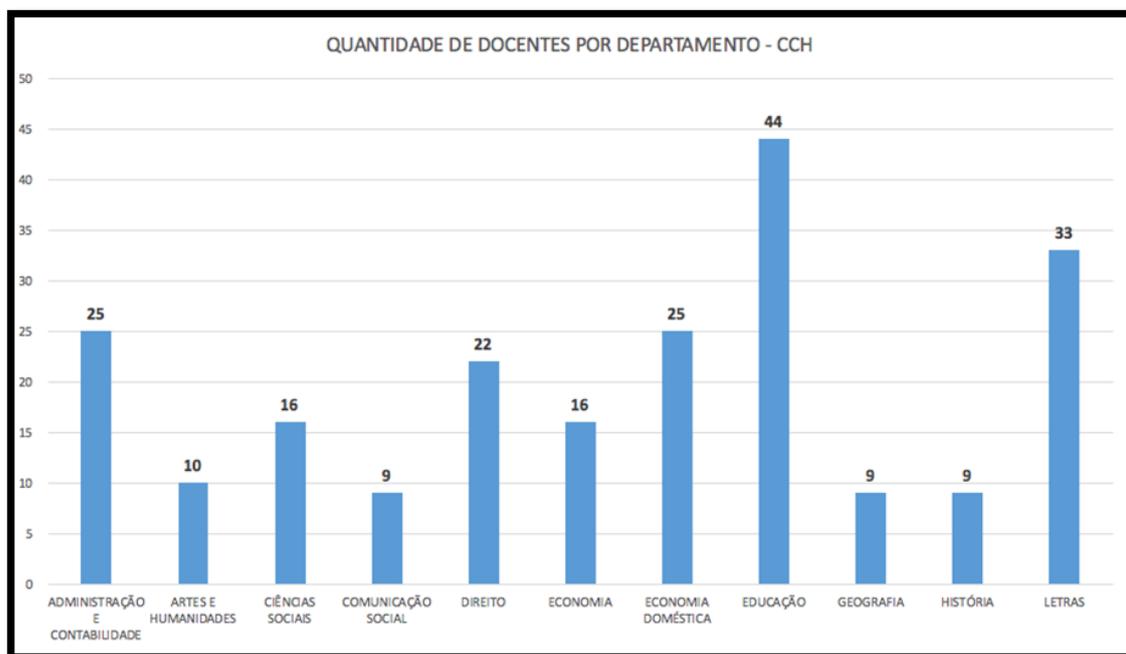
O Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), conta com 218 (duzentos e dezoito) docentes, que ministram aulas em 11 (onze) departamentos, tanto nos cursos de graduação como em alguns casos de pós-graduação. Ele é o terceiro centro de ciência com maior número de docentes, conforme se pode verificar na figura 30. O departamento que tem o maior número de professores/as é o de Educação, com 44 (quarenta e quatro) docentes ou 20,18% dos professores do CCH. O Departamento de Letras é o segundo maior do CCH, com 33 (trinta e três) docentes. Os Departamento de Administração e Contabilidade assim como o de Economia doméstica possuem, ambos, 25 (vinte e cinco) docentes cada um. O Departamento de Ciências Sociais tem 16 (dezesesseis) docentes. Os menores departamentos do CCH em relação ao número de docentes são o departamento de Artes e Humanidades, que tem 10 (dez) professores/as, os departamentos de Comunicação Social, Geografia e História que têm, cada um, 9 (nove) docentes como se pode verificar na Figura 26, abaixo.

Quando desagregamos os dados por sexo, observamos que o CCH é semelhante ao CCB, isto é, há uma quantidade maior de docentes mulheres em relação aos docentes homens nesses centros de ciências. No caso do CCH há 55,50% docentes mulheres e 44,50% docentes homens. Relembrando, no CCB há 52,61% mulheres e 47,39% homens. Ou seja, em ambos centros, ao que tudo indica, encontramos uma divisão mais equitativa entre os sexos dos/as professores/as, mas com ligeira vantagem para as professoras, conforme se pode observar nas Figuras 17 e 27.

Os departamentos do CCH onde a divisão sexual entre os/as docentes é menos desigual, são os: a) de História, com 55,56% docentes do sexo masculino e 44,44% docentes do sexo feminino; b) de Ciências Sociais com 62,50% docentes homens e 37,50% docentes são mulheres; c) de Comunicação Social e d) Geografia, ambos com, respectivamente, 66,67% docentes homens e 33,33% docentes mulheres.

Observando os dados do CCH novamente é possível lembrar do conceito de divisão

Figura 26 – Gráfico quantitativo de professores por departamento do CCH.

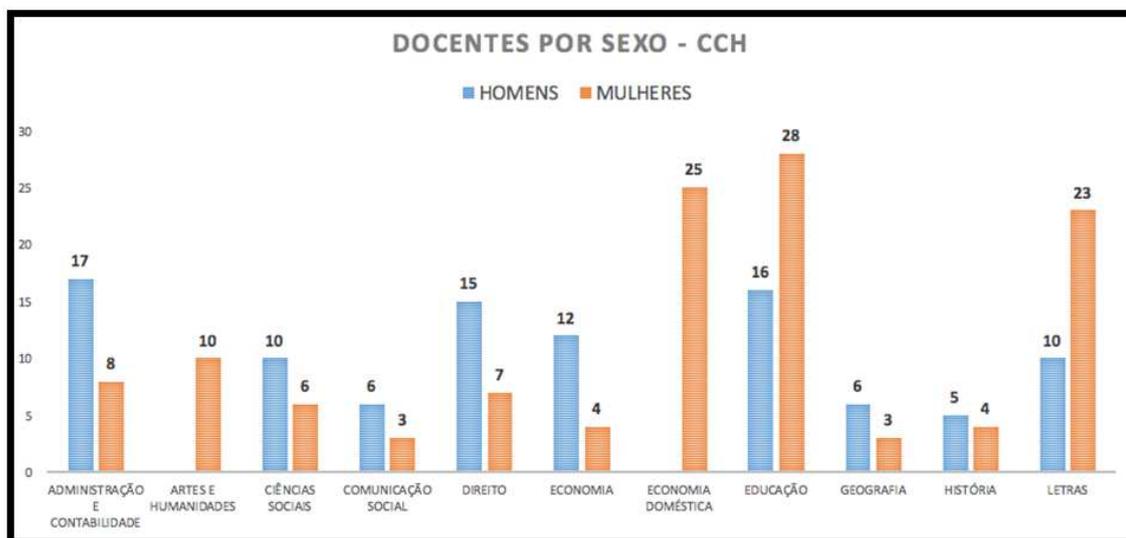


Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

sexual do trabalho citado anteriormente, que, de certa forma, indica que há trabalhos e/ou empregos para homens que são diferentes dos indicados para as mulheres. Ou seja, aqui é possível ver mais uma vez que, por um lado, há cursos em que existe predominância de docentes homens e, que, por outro lado, há cursos em que existe predominância de docentes mulheres (e, alguns casos, que todas as docentes são mulheres). Mais do que isso, não somente as docentes, mas a maioria absoluta dos/as estudantes desses cursos também é composta de mulheres, fato esse que não foi observado em nenhum outro centro de ciência da UFV. Por exemplo, 100% das professoras dos Departamentos de Artes e Humanidades assim como de Economia Doméstica são mulheres concomitante a maioria absoluta dos estudantes. Há ainda dois outros departamentos em que há predomínio absoluto de docentes mulheres, como o de Educação, com 63,64% de docentes mulheres em seu quadro de pessoal e 36,36% de docentes homens, assim como o Departamento de Letras aonde 69,70% dos/as docentes são mulheres e 30,30% homens, conforme se pode observar na Figura 27.

Mas há três departamentos, que provavelmente são os três mais concorridos do CCH, em que há o predomínio absoluto do sexo masculino entre os professores, ou seja, em que mais de 50% dos professores são homens. São os Departamento de Administração e Contabilidade com 68% de docentes homens e 32% de mulheres, de Direito com 68,18% de homens 31,82% de mulheres e o de Economia com 75% de homens e 25% de docentes mulheres.

Figura 27 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por sexo.

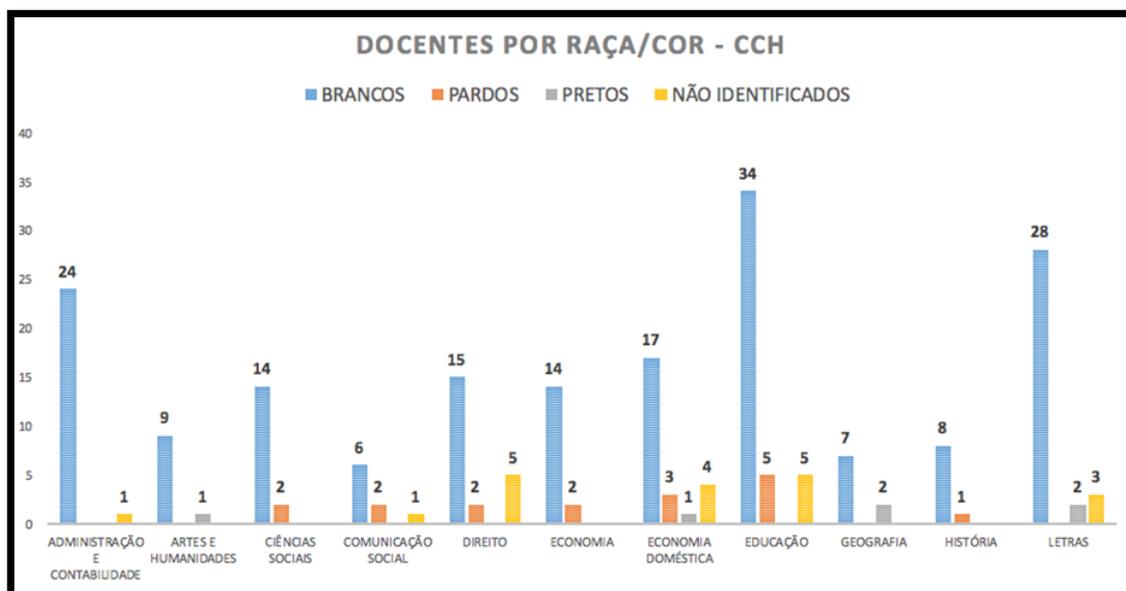


Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

Quando desagregamos os dados baseados na raça/cor dos/as professores/as, conforme a Figura 28, percebemos que o CCH é o centro com, aparentemente, a menor desigualdade racial quando comparado com os outros centros de ciências da UFV. Porém o dado não é tão animador da perspectiva da igualdade racial tendo em vista que, no geral, a desigualdade racial entre os/as docentes do CCH também possui índices bastante elevados. Dos/as 218 (duzentos e dezoito) docentes do CCH, identificamos 77,52% como brancos, 9,63% como pardos e 2,75% como pretos. Infelizmente não conseguimos identificar 8,72% dos/as seus/suas docentes. Em outras palavras, apesar de possuir a menor desigualdade racial entre os centros de ciência da UFV, o CCH não foge à regra geral, isto é, ele também é majoritariamente branco.

Embora este centro de ciência seja aparentemente o menos desigual racialmente, há nele um departamento, que é majoritariamente masculino, onde não identificamos nenhum/a professor/a preto/a ou pardo/a, qual seja, o Departamento de Administração e Contabilidade. Nessa unidade acadêmica do CCH quase 100% dos/as seus/suas docentes foram identificados/as como brancos/as, mais precisamente 96% deles/as. Os 4% restantes são de docentes que não conseguimos identificar racialmente. Os outros dois departamentos desse centro de ciências, que também são majoritariamente masculinos, apresentam baixíssima quantidade de professores/as negros/as. Por exemplo, no Direito há apenas 2 (dois) professores/as pardos/as e 15 (quinze) professores/as brancos/as. Por não termos acesso as fotografias, assim como não os conseguimos entrevistar por e-mail ou pessoalmente, 5 (cinco) dos/as docentes desse departamento não foram identificados/as racialmente por nós. Contudo, novamente aqui levantamos a hipótese de que há uma grande probabilidade desses/as docentes não identificados/as serem brancos/as. O Departamento de Economia

Figura 28 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por raça/cor.



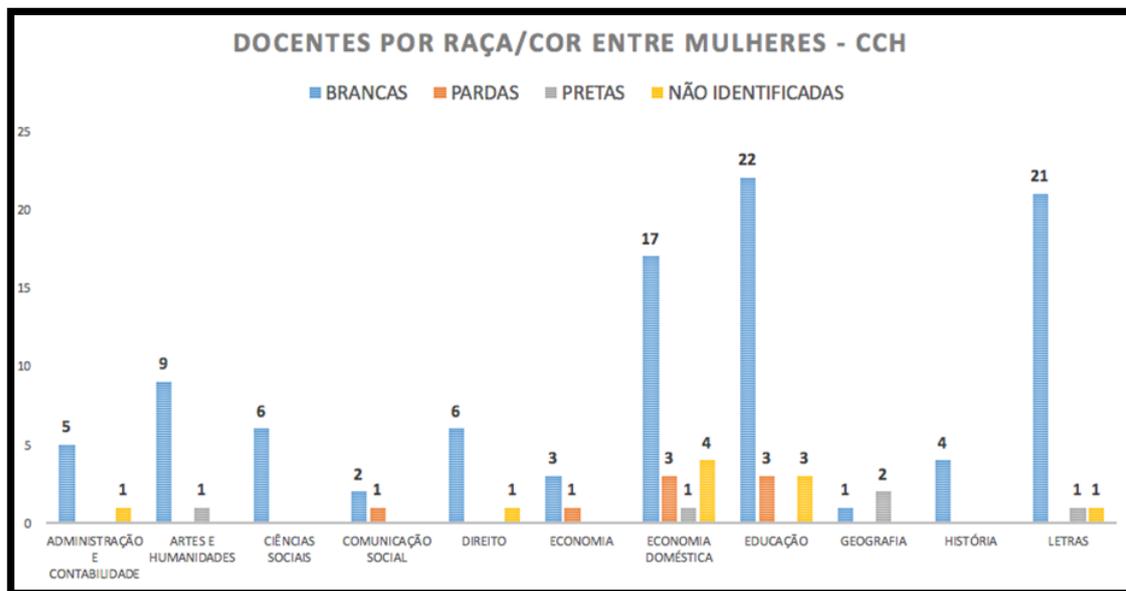
Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

é tão branco quanto o Direito, pois 14 (quatorze) dos seus/suas docentes são brancos e 2 (dois) são pardos.

Porém, mesmo nos menores departamentos do CCH há elevado índice de racialização ou, caso se queira, de falta de diversidade racial equilibrada entre os/as docentes, com predomínio de professores/as brancos/as. Por exemplo, no Departamento de Artes e Humanidades há 90% docentes brancos/as e apenas 1 (um) docente preto; no de História há 88,89% docentes brancos e apenas 1 (um) docente pardo. O Departamento de Letras não fica atrás em termos de desigualdade racial, pois tem 28 (vinte e oito) docentes brancos/as, apenas 2 (dois) pretos/as e 3 (três) docentes não identificados/as. O Departamento de Educação não é muito diferente, são 34 (trinta e quatro) docentes brancos/as, 5 (cinco) pardos/as e 5 (cinco) não identificados. Em certa medida o mesmo se pode dizer dos outros departamentos CCH, embora há uma maior quantidade negros/as (pretos/as ou pardos/as) nesses. Por exemplo, o Departamento de Economia Doméstica tem 4 (quatro) docentes negros/as, sendo 3 (três) pardos/as e 1 (um) pretos/as, assim como o de Geografia que tem 2 (dois) docentes pretos e 7 (sete) professores/as brancos/as.

Ao desagregarmos os dados referentes aos/às docentes do CCH por sexo e raça/cor, conforme pode ser visto na Figura 29 e 30, observar-se entre as 86,44% das docentes mulheres do CCH são brancas, 5,08% são pardas, 1,69% são pretas e 6,78% não foram identificadas por nós. Mas percebemos também um dado inédito, qual seja, que esse é o único centro de ciências da UFV que tem mais mulheres negras 13 (treze) que homens negros 9 (nove). Ou seja, nesse centro, como visto anteriormente, os/as negros/as são 6,77% dos seus/suas docentes, sendo que do total de docentes negros/as as mulheres são

Figura 29 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por raça/cor, entre as mulheres.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

59,09% e os homens são 40,91%. Mais ainda, por um lado, das 13 docentes mulheres negras, 8 (oito), ou seja, 61,67% foram identificadas por nós como pardas e 5 (cinco) ou, seja, 38,10% foram identificadas como pretas. Por outro lado, dos 9 (nove) docentes homens negros, 8 (oito), ou seja, 88,89% foram identificados como pardos e 1 (um) ou, seja, 11,11% como pretos.

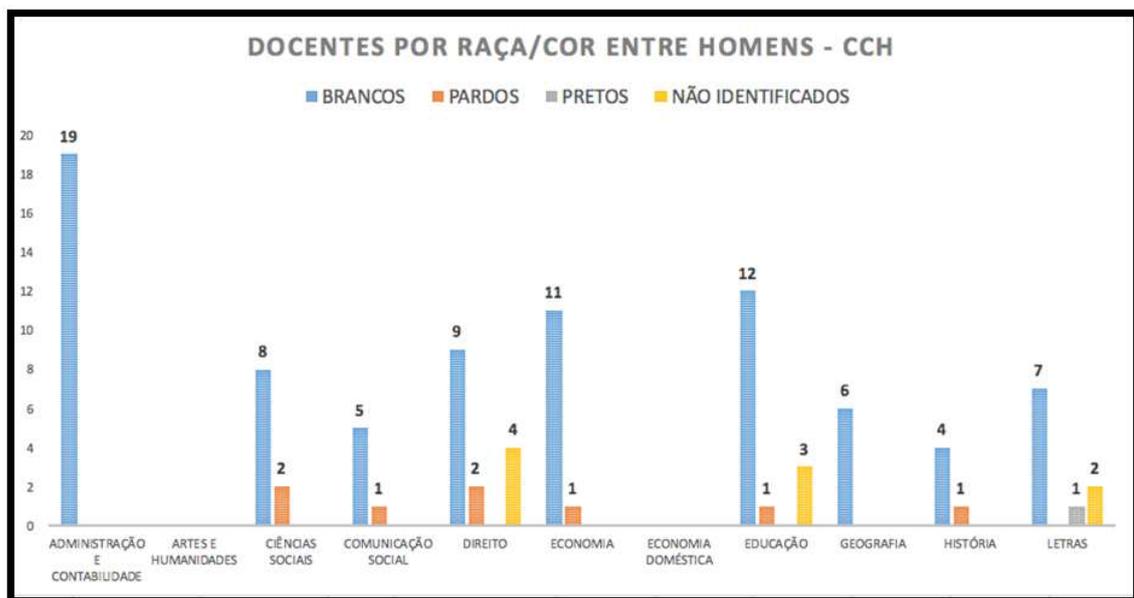
Ora, o que se observa no parágrafo acima é que há uma baixíssima quantidade de professores/as pretos/as no CCH, indicando que mesmo no centro de ciência menos desigual racialmente (quando comparado com os outros centros da UFV), existe uma tendência a se escolher e/ou ter professores/as de pele menos escura entre os/as negros/as. Mais ainda, os/as docentes negros/as de pele menos escura, como os/as pardos/as, estão mais “espalhados” nos departamentos que os/as professores/as negros/as de pele mais escura, os/as pretos/as, visto que estes se concentram em 4 (quatro) departamentos e os/as docentes pardos/as estão ministrando aula em 6 (seis) departamentos. Aliás, quando desagregamos esses dados por sexo dos professores/as negros/as, observa-se que só vamos encontrar mulheres pretas lecionando em 4 (quatro) departamentos, que são os de: a) Artes e Humanidades, aonde há 1 (uma) docente preta, que corresponde a 10% das mulheres desse departamento; b) Economia Doméstica aonde há 1 (uma) docente preta, que corresponde a 4% das mulheres desse departamento; c) Letras, aonde há 1 (uma) docente preta, que corresponde a 4,35% das mulheres desse departamento; e d) Geografia que é o único departamento, em toda a pesquisa, aonde as docentes negras são maioria. Elas são 2 (duas), correspondendo a 66,67% das mulheres desse departamento, visto que há

1 (uma) docente branca nessa unidade acadêmica, que corresponde a 33,33% das mulheres do departamento. Ao que tudo indica, essa é a exceção da exceção: as negras são maioria da minoria aqui, visto que é um departamento pequeno que tem apenas três mulheres e seis homens.

Há outro dado importante a ser destacado com relação ao CCH. Como visto anteriormente e nas figuras acima, esse centro de ciências tem 11 (onze) departamentos. Mas em 7 (sete) deles não há nenhuma docente preta. São eles: Administração e Contabilidade, Ciências Sociais, Comunicação Social, Direito, Economia, Educação e História, conforme Figura 30. Observa-se, portanto, que em nenhum dos três departamentos considerados os mais concorridos desse centro de ciências (Administração e Contabilidade, Direito e Economia), citados anteriormente, há mulheres pretas, e em dois departamentos dessa tríade, Administração e Contabilidade e Direito, não há sequer mulheres pardas. Ou seja, mais uma vez se constata que os locais de prestígio, poder e mando são brancos ou de brancos. Em geral, também masculinos.

Por fim, com relação ao CCH, observa-se que a desigual racial entre docentes pretos e brancos é maior que a entre as docentes pretas e brancas. Ou seja, em termos de desigualdades raciais entre os pares sexuais e raciais, os homens pretos estão em maior desvantagem que as mulheres pretas, senão vejamos. Quando se compara a quantidade docentes pretos homens, 1 (um) do CCH com a quantidade dos docentes brancos 81 (oitenta e um) observa-se o tamanho do abismo racial entre os professores desse centro de ciência, pois estes últimos professores são 98,78% do CCH e aqueles são 1,22% dos docentes. Os docentes pardos são 8,08%, assim como os docentes não identificados são 9,09%. E como só identificamos um professor preto no CCH, conseqüentemente, constatamos outro fato não menos importante, qual seja, a concentração racial dos professores em um departamento, no caso, o de Letras. Mas se, de um lado, acontece uma contração minoritária dos professores pretos, de outro lado, podemos dizer que há dois departamentos que só tem professores brancos, o de Administração/Contabilidade e o de Geografia. Ou seja, aqui a concentração racial é branca, coletiva e/ou absoluta, pois 100% dos docentes homens são brancos, como se pode observar na Figura 30.

Figura 30 – Gráfico com docentes desagregados por departamento do CCH e por raça/cor, entre os homens.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa.

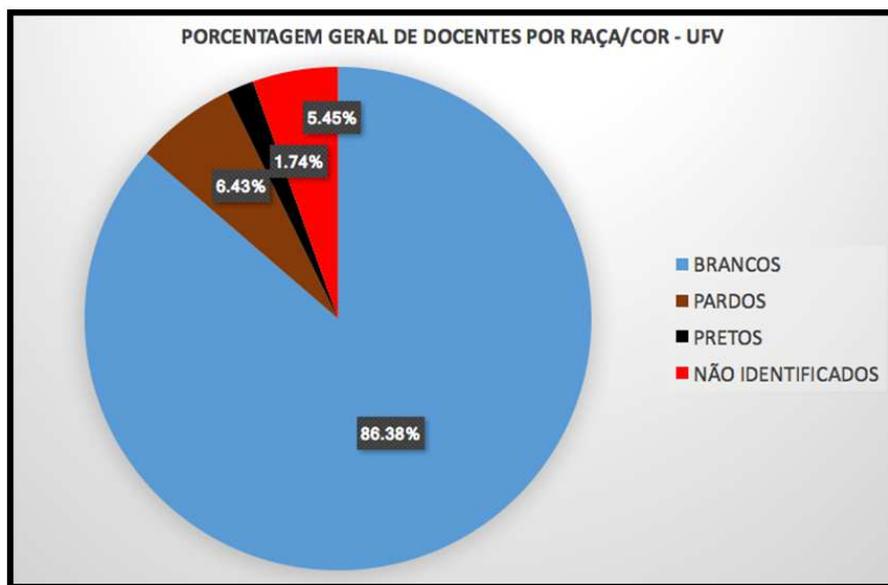
4 Análise dos Dados

A primeira evidência empírica revelada por esta pesquisa é significativa e contundente: a maioria esmagadora dos docentes, tanto homens com mulheres, da Universidade Federal de Viçosa (UFV) são brancos. Ao que tudo indica, os dados coletados e/ou construídos aqui parecem confirmar uma das hipóteses do sociólogo Florestan Fernandes (um dos grandes estudiosos da questão racial no Brasil) expressa em título de um dos seus livros, qual seja, que os/as negros/as no Brasil vivem no mundo dos brancos (com tudo que isso possa significar). Isto é, a UFV é, com relação ao seu corpo docente, um “mundo branco” onde há alguns poucos/as docentes negros/as “vivendo” ou exercendo o seu ofício de professor/a e/ou pesquisador/a universitário/a. Portanto, a UFV é uma instituição de ensino público superior federal aonde impera a branquidão (em sentido amplo) entre os/as seus/suas docentes. Consequentemente, nessa instituição há também o que o pesquisador José Jorge de Carvalho (2005) designou de “confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro”. Este é caracterizado, principalmente, por haver uma trajetória sem experiência de diversidade racial na formação de professores/as universitários (brancos/as) brasileiros. Segundo [Carvalho \(2005\)](#).

Se juntarmos todos os professores de algumas das principais universidades de pesquisa do país, (por exemplo, USP, UFRJ, Unicamp, UnB, UFRGS, UFS-CAR e UFMG), teremos um contingente de aproximadamente 18.400 acadêmicos, a maioria dos quais com doutorado. Esse universo está racialmente dividido entre 18.330 brancos e 70 negros, ou seja, 99,6% brancos e 0,4% de docentes negros, não havendo ainda nenhum docente indígena. Se escolhermos aleatoriamente um professor desse grupo, o perfil básico que encontraremos será o seguinte, esse professor ou professora foi um (a) estudante branco (a), que teve poucos colegas negros no secundário, pouquíssimos na graduação, e praticamente nenhum no mestrado e doutorado; como aluno (a), sempre estudou com professores brancos, desde que ingressou na carreira faz parte de um colegiado inteiramente branco, dá aulas para uma maioria esmagadora de estudantes brancos na graduação e de 100% de pós graduando brancos. Além disso os assistentes e colegas de seu grupo de pesquisa são todos brancos. Como consequência desse confinamento, em algumas faculdades mais fechadas e elitizadas, é perfeitamente possível que um docente e pesquisador desenvolva por décadas o seu trabalho acadêmico sem conviver jamais com um único estudante negro ou com um único docente negro, quando muito, conviverá com alguns servidores negros com os quais estabelece relações de pouca ou nenhuma identificação. ([CARVALHO, 2005](#), p. 92).

Todavia, e consequentemente, esse confinamento racial ou, se se quiser, essa trajetória acadêmica monocromática dos/as nossos/as professores/as universitários/as brancos/as (que não é característica exclusiva dos/as docentes da UFV), também tem a ver com baixíssima quantidade de docentes negros/as universitários/as. No caso da UFV, devemos lembrar, 86,38% dos seus docentes foram identificados por nós como brancos/as, 6,43% como pardos/as, 1,74% como pretos/as e 5,45% não foram identificados/as, conforme pode ser verificado na [Figura 31](#).

Figura 31 – Gráfico com a porcentagem geral de docentes por raça/cor da UFV.



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa

Sendo mais contundente, o pesquisador [Carvalho \(2005\)](#), que é autodeclarado branco, afirma que essa baixa quantidade de professores/as negros/as nas universidades brasileiras, que também se constata na UFV como vimos ao longo dessa monografia, é fruto da segregação racial nos e dos espaços acadêmicos, que também são espaços de prestígio, poder e mando. Segundo Carvalho.

Infelizmente, não existe ainda um censo racial nacional da docência nas universidades públicas e a sua própria inexistência já é um forte indício de resistência da classe acadêmica de enfrentar-se com sua condição racial privilegiada. Contudo não é difícil fazê-lo, por uma razão muito simples: os poucos docentes negros conhecem muito bem quem são os seus (poucos) colegas negros; e justamente porque têm plena consciência de que fazem parte de uma minoria racial, vários deles já realizaram o censo racial informal da classe docente das instituições que trabalham. Está claro que não sairemos naturalmente desse escândalo de segregação racial. ([CARVALHO, 2005](#), p. 91).

Não temos conhecimento de que algum/a professor/a e/ou pesquisador/a negro/a (ou não negro/a) da UFV tenha feito algum “censo racial informal da classe docente” dessa universidade. Aliás, quem o fez fomos nós por meio desta monografia, mas não informalmente. Mais ainda, esta, de uma maneira geral, corrobora os dados e fatos constatados por [Carvalho \(2005\)](#) em outras universidades brasileiras. Mas a citação acima de [Carvalho \(2005\)](#) também chama atenção para outros fatos que ocorrem na UFV e que afloraram em nossa pesquisa. Por exemplo, os/as professores/as negros/as dessa instituição federal de ensino superior, ao que parece, têm “plena consciência de que fazem parte de uma minoria racial”. Ao entrevistarmos alguns/mas docentes negros/as eles/as afirmaram, por um lado, a sua consciência racial quando disseram eu sou.

1) “Preto. É a cor da minha pele, quando eu olho é isso que eu vejo, da minha família de meu pai.” (SILVA, 2016).

2) “Preta. É como eu me enxergo, é como eu sou tratada, é como meus pais são e é, como meu filho que vai nascer agora também vai ser.” (COSTA, 2016).

3) “Negro, eu sou Negro. Minha irmã é mais mestiça, meu pai tem a pele mais escura que eu, minha mãe é mais clara, mas eu sou negro. Em Cuba tem bastante mistura com os europeus, mas nós nos consideramos negros” (DESPAIGNE, 2016).

4) “Sou Mulher preta. Por ser mulher preta piora a situação. É mais difícil vencer as barreiras [raciais] por ser preto/a, por ser mulher, [é] mais complicado” (LOPES, 2016).

5) “Negro, (...). Sempre falo: sou negro. As pessoas falam para mim, mas você tem a pele clara, como vai falar que é negro? Bom tem as pessoas que tem a pele bem mais escura e não falam isso...” (CRUZ, 2016).

6) “Preta, pela história da minha família, minha bisavó e tataravó com origem escrava, embora minha vó tivesse tido um companheiro branco que miscigenou a família, mas eu me considero preta por uma questão de afirmação” (CHRYSOSTOMO, 2016).

7) “Negro. Entre a opção preto ou pardo sou preto”. (SIQUEIRA, 2016).

Por outro lado, esses/as docentes afirmaram também que tem consciência de que eles/as são pouquíssimos/as negros (pretos/as ou pardos/as) na UFV. Além disso, apesar de ratificarem o que Carvalho (2005) afirmou na sua última citação, qual seja, de os/as professores/as são tão poucos que conhecem uns aos outros, eles/as afirmaram também que são praticamente os/as únicos/as docentes negros/as em seus departamentos. Raramente eles/as têm pares docentes negros/as em seus próprios departamentos. Quando, em entrevista, os/as perguntamos se eles/as conheciam outro/a professor/a preto/a ou pardo/a da UFV, afirmaram que:

1) “Aqui não, no meu departamento sou só eu. Na UFV conheço [o] professor Zé Maria da Fitotecnia se não me engano”. (SILVA, 2016).

2) “Ah sim, conheço dois: o professor Angel e o professor Antônio Marcos, agora de cabeça que me lembre somente ” (COSTA, 2016).

3) “Sim conheço [a] Deyse que entrou depois de mim e [o] Antônio Marcos que já estava por aqui. Na UFV não sei ... Antônio Marcos me falou um dia que tinha uma associação de professores, porque os meninos sentem ... Você chega para dar aula, nossa ... Professor negão, vai dar aula, não é comum, com a pele escura assim. Ele [o Antônio Marcos?] comentou que tinha uns seis aqui. Eu não sei. No departamento tem três e acho que é o que mais tem.” (DESPAIGNE, 2016).

4) “No meu departamento eu sou a única. Na UFV eu conheço o professor Sales e a Ivonete que virou minha amiga pelo fato de sermos mulheres negras. Almoçando no

restaurante da universidade nós somos as únicas, em vários momentos. [Há também] o professor Adélcio. Tem umas duas professoras que eu sei que estão no departamento de Geografia, mas eu não conheço [as] pessoalmente. (TEODORO, 2016).

5) “No meu departamento eu sou a única. Na UFV conheço alguns professores porque agente acaba se aproximando para nos fortalecermos, mas a maioria que eu conheço são da área de humanas: Isabel, da Geografia, Adélcio, da Letras, [e] Thalita, da Dança. São alguns dos nomes que vêm a minha mente agora. (LOPES, 2016).

6) “No departamento temos a Rita Gomes que é professora de Francês. [Ela á] nova no departamento. Tem outro [professor] que se considera como pardo, que tem consciência da ascendência negra. Mas visualmente as pessoas não o consideram como negro. Ele já me falou isso: quando ele fala que é negro as pessoas olham para ele de cara torta.” (CRUZ, 2016).

7) “Bom, a Janete Oliveira que se autodeclara negra e está fora fazendo doutorado agora. [Tem] o professor Edson, mas não sei se ele se declara negro. Eu não sei o nome de todos. [Há também] a Ivonete e o Sales. E eu conheci, num debate a pouco tempo agora, um professor que é cubano, o Angel, e a uma [professora] da química, Deyse, e o Antônio.” (CHRYSOSTOMO, 2016).

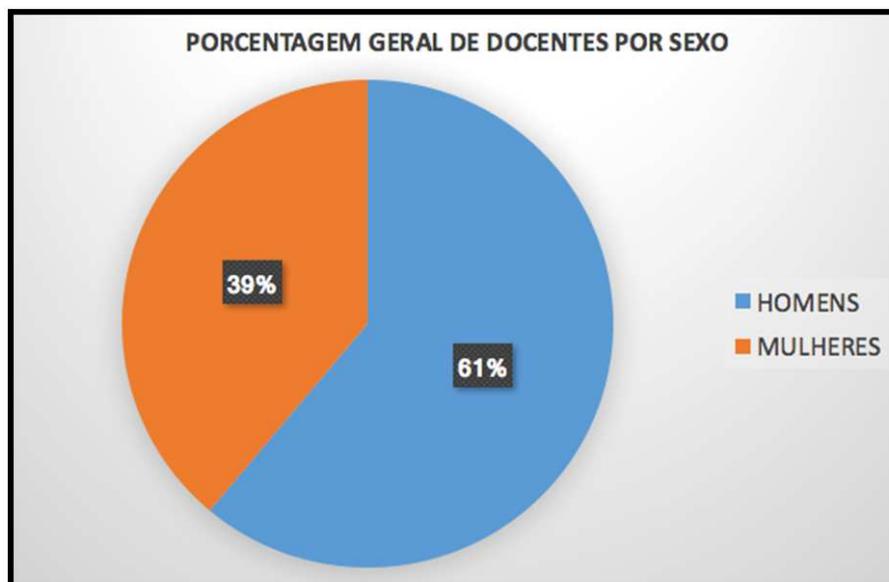
8) “Sim eu acho que você [já] deve ter entrevistado a professora Deyse [e] o professor Angel. Esqueço nome do professor da Física. Tem um na Física, tem um na enfermagem e medicina. Quem mais? Não estou lembrando o nome dele. É difícil, não sei te dizer. Na dança né, a Thalita. E acho que [tem] na educação física.” (SIQUEIRA, 2016).

Como se pode ver, a nossa pesquisa ratifica o que outras pesquisas indicam, como, por exemplo, as de Carvalho (2005). Mais ainda, se compararmos a composição racial do quadro de pessoal dos docentes da UFV com a da população brasileira, aonde, segundo a PNAD de 2014 (cf. IBGE, 2015) os/as brancos/as são 45,50% da população, os/as pretos/as são 8,6% e os/a pardos/as são 45%, chega-se à fácil ou óbvia conclusão de que há, de um lado, uma sobre-representação dos/as brancos/as nessa universidade e, de outro lado, há uma sub-representação dos/as docentes pretos/as e pardos/as ou, se se quiser, dos/as docentes negros/as.

Mais ainda, se considerarmos somente os/as docentes que conseguimos identificar racialmente, isto é, excluindo os 5,45% de docentes que não identificamos porque não conseguimos suas fotografias nos sites da UFV ou departamento do/a respectivo professor/a, assim como não conseguimos entrevistá-los tanto pessoalmente como por e-mail para coletar e/ou atribuir a sua identidade racial, teríamos, 91,36% de docentes brancos, 6,80% de docentes pardos e 1,84% de docentes pretos (que corresponde a apenas 16 docentes de um total de 868 professoras/as identificados/as. Ou seja, a UFV seria mais branca ainda.

Outro fato revelado em nossa pesquisa de forma inequívoca e imediata foi a

Figura 32 – Gráfico com a porcentagem de docentes do sexo masculino e docentes do sexo feminino

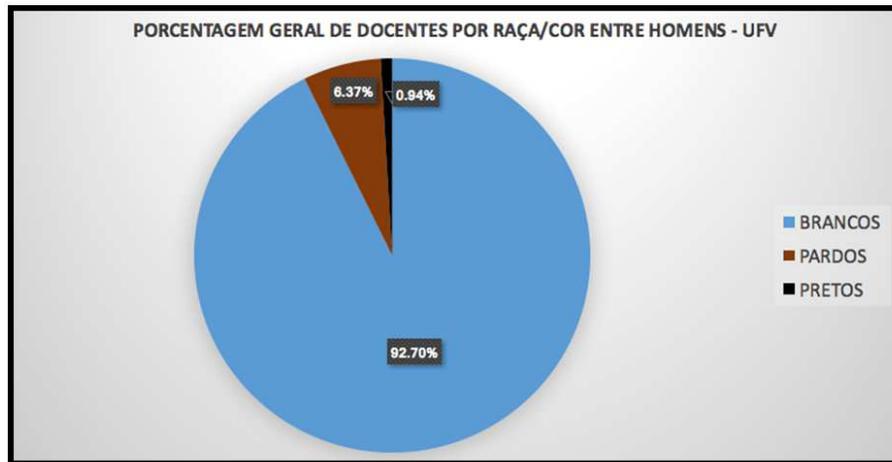


Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa

constatação da maior presença de docentes homens (61%) que docentes mulheres (39%) ministrando aulas e fazendo pesquisa e extensão na UFV, como se observa na figura 36 abaixo. Dos/as 918 docentes pesquisados/as, 561 (quinhentos e sessenta e um) são do sexo masculino e 357 (trezentos e cinquenta e sete) são do sexo feminino. Observando as Figuras 31 e 32, assim como o que foi descrito ao longo desta pesquisa, conclui-se imediata ou facilmente que a UFV é majoritariamente masculina e branca. Ora, esses dados e/ou informações nos permitem reformular a hipótese de Florestan Fernandes supracitada, indo para além da questão racial, e agregando a ela o gênero. Assim, ao fazer analogia com a hipótese de Fernandes, isto é, transportando-a para a universidade, onde o “mundo dos brancos” seria a UFV, observa-se nessa instituição, com relação aos/às docentes, que os/as docentes negros (tanto homens como mulheres) lecionam, pesquisam e fazem extensão no mundo dos homens brancos. Analogia que nos deu o título dessa pesquisa: “UFV: Docentes Negros/as no “mundo” dos homens Brancos.

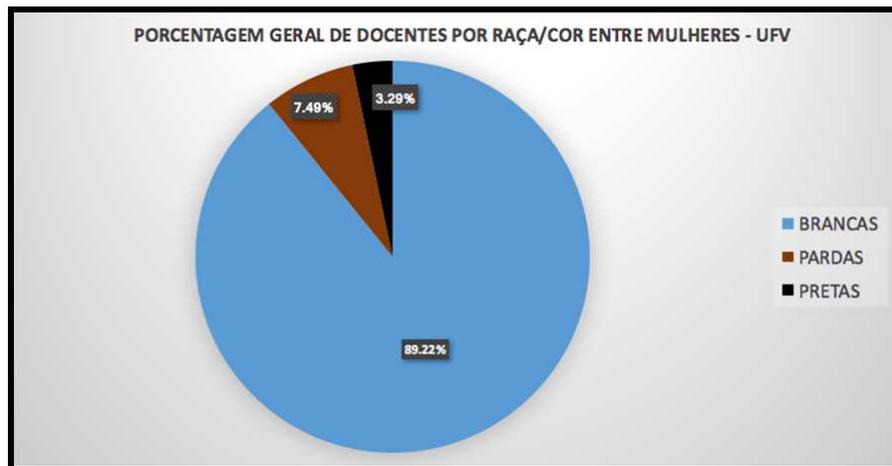
Ora, nossa hipótese de que os/as professores/as negros/as da UFV lecionam no “mundo” dos brancos parece ser mais pertinente quando verificamos os dados sobre o sexo dos/as docentes da UFV, segundo a cor/raça desses/as, como se pode observar nas Figuras 33 e 34. Tanto no universo masculino quanto no universo feminino dos/as docentes dessa universidade, a maioria esmagadora é composta de docentes brancos/as. Que, como indicou Carvalho (2005), muito provavelmente só estudou com alunos/as brancos/as na pós-graduação (mestrado e doutorado) e alguns/mas raríssimos/as negros/as na graduação, assim como muito provavelmente só teve professores/as brancos/as em sua trajetória ou formação acadêmica.

Figura 33 – Gráfico com a porcentagem de docentes do sexo masculino desagregados por raça



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa

Figura 34 – Gráfico com a porcentagem de docentes do sexo feminino desagregados por raça.

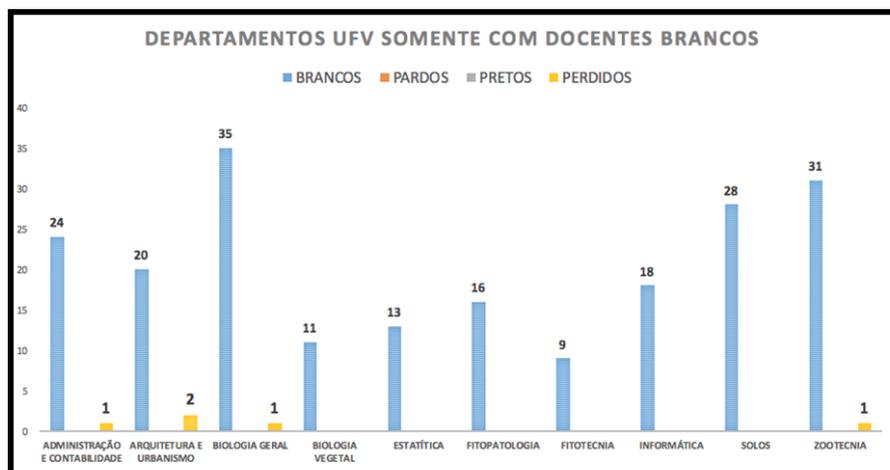


Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa

Se somarmos aos fatos e dados citados acima a um outro fato não menos revelador da branquidão do corpo docente da UFV, qual seja, que há seis departamentos (Biologia Vegetal, Estatística, Fitopatologia, Fitotecnia, Informática e Solos) dessa universidade que são 100% compostos de docentes brancos/as (cf. Figura 35), assim como outros quatro departamentos que muito provavelmente também têm essa mesma característica (Administração e Contabilidade, Arquitetura e Urbanismo, Biologia Vegetal e Zootecnia) (cf. Figura 35), pensamos ser plausível a nossa hipótese de que os/as docentes negros/as da UFV vivem academicamente no mundo dos homens brancos, ou seja, vivem num espaço acadêmico dominado pelos homens brancos.

Para finalizar este item e resumindo, podemos ler os dados da figura acima de outra forma também, qual seja, dos trinta e oito departamentos pesquisados, em dez deles

Figura 35 – Gráfico com os departamentos que não possuem nenhum professor negro



Fonte: Dados agregados pelo autor a partir da metodologia descrita na pesquisa

não encontramos nenhum/a docente negro/a, sendo que 4 (quatro) desses departamentos pertencem ao Centro de Ciências Agrárias da UFV, 3 (três) ao Centro de Ciências Exatas, 2 (dois) ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e 1 (um) ao Centro de Ciências Humanas. Ou seja, em pelos menos um dos centros de ciências da universidade há, também, pelo menos um departamento que não tem docentes negros/as.

5 Considerações Finais

Os dados da pesquisa revelaram uma ínfima presença de docentes negros/as (pretos/as e pardos/as) nos quadros da Universidade Federal de Viçosa. Consequentemente demonstram uma desproporcional quantidade de docentes brancos do sexo masculino. São estes os docentes que predominam majoritariamente na UFV. Contudo, deve-se lembrar que há também elevada quantidade de professoras brancas quando comparado com a quantidade não somente de professoras pretas e pardas, mas também de professores pretos e pardos. Ou seja, essa universidade é brancocêntrica: ela tem maioria esmagadora de professores e professoras brancas.

O fato de a UFV ter majoritariamente professores/as brancos/as e uma ínfima presença de docentes negros/as significa que há prática de discriminação racial nos processos seletivos para o quadro de professores/as nessa universidade? Esta é uma pergunta difícil de responder. Em realidade não temos como respondê-la de forma segura, precisa, porque, por um lado, podemos indicar alguns fatores que, à priori, tendem a responder negativamente à pergunta acima, entre os quais ao fato de haver uma baixa quantidade de doutores/as negros/as no Brasil.

Segundo os dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo IBGE (apud FCC, 2016), para cada 100 (cem) cidadãos/ãs brancos/as com mestrado concluído havia 24 negros/as e para cada 100 (cem) brancos/as com doutorado concluído havia 18 negros ¹. Desagregando estes dados por área de conhecimento, observa-se que na área de “Educação” eram 34 negros/as mestres para cada grupo de 100 brancos/as no mesmo nível, assim como 24 negros/as doutores para cada grupo de 100 brancos/as no mesmo nível. Nas áreas de “Engenharia, Produção e Construção” esta situação se agrava ainda mais, pois eram 18 mestres para cada grupo de 100 brancos/as no mesmo nível, assim como 18 negros/as doutores para cada grupo de 100 brancos no mesmo nível ². Nas áreas de “Agricultura e Veterinária”, que são áreas em que a UFV é referência nacional, eram 25 mestres para cada grupo de 100 brancos/as no mesmo nível, assim como 16 negros/as doutores/as para cada grupo de 100 brancos no mesmo nível ³.

Como no Brasil, atualmente, são os/as profissionais com mestrado e doutorado os/as selecionados/as para serem professores/as das universidades públicas federais e dos institutos federais de educação, logo se pode concluir que há poucos/as professores/as negros/as nas universidades públicas e, consequentemente, na UFV porque eles/as são poucos/as nos cursos de mestrado e doutorado. Por outro, podemos lembrar que o bran-

¹ Disponível em: <http://www.fcc.org.br/fcc/images/negros-ciencias/edital.pdf>. Acessado em 07 de julho de 2016.

² Disponível em: <http://www.fcc.org.br/fcc/images/negros-ciencias/edital.pdf>. Acessado em 07 de julho de 2016.

³ Disponível em: <http://www.fcc.org.br/fcc/images/negros-ciencias/edital.pdf>. Acessado em 07 de julho de 2016.

cocentrismo da UFV pode ser também fruto daquilo que Santos (2015) denominou de “racismo de resultados”⁴, que é o fato de vermos resultado da discriminação, mas não se ver a operacionalização da discriminação racial.

Assim sendo, mesmo que haja uma baixa quantidade de doutores/as negros/as no Brasil para disputar vagas nas universidades federais brasileiras, esse provavelmente não deve ser o único fator que explica a baixíssima quantidade de professores/as negros/as no quadro de pessoal docente da UFV. Se pensarmos só em termos de números, pode-se observar que dos últimos dados citados nesta conclusão, a área que apresentou a menor quantidade de doutores foi “Agricultura e Veterinária”, com 16 negros/as doutores/as para cada grupo de 100 brancos/as doutores. Isto significa que se tivéssemos 116 (16 negros/as + 100 brancos/as) docentes nessa área, 13,80% seriam negros/as e 86% seriam brancos/as. Contudo, no Departamento de Veterinária da UFV há 29 docentes, sendo que 27 são brancos/as, 1 preto e 1 não conseguimos identificar. Ou seja, nesse departamento há 93,10% de docentes brancos/as e 6,9% de docentes negros/as. Ou seja, mesmo simulando uma comparação entre quantidade professores/as negros/as da UFV da área de veterinária com a média nacional de doutores/as negros/as dessa área, observa-se que média nacional é praticamente o dobro dos professores de veterinária.

Ora, isto pode indicar o que não é apenas uma questão de baixa quantidade de doutores/as negras que explica a branquidão do quadro docente da UFV. Somente pesquisas futuras (especialmente qualitativas), que pretendemos fazer no curso de mestrado, é que poderão nos esclarecer melhor o brancocentrismo existente no quadro de professores/as da UFV. Por ora, podemos afirmar apenas aquilo que é gritante: a maioria esmagadora dos docentes da UFV é branca.

⁴ Segundo (Santos, 2015: 659) “Por meio desses dados [de homicídios] se pode ver o que denominamos de racismo de resultado. Vemos o fato, os homicídios contra a população negra, mas não vemos como se operacionaliza essa violência racial ou, caso se queira, como se fundamenta, se produz e/ou reproduz essa violência [racial ou o racismo]. Um dos problemas para a compreensão da violência racial objetiva, no caso de homicídios contra os negros e indígenas, está justamente aí, porque os dados apresentados pelo sociólogo Júlio Waiselfsz (2014) acabam sendo mais um dado frio. Vale descartar que é literalmente numérica e estatística, pois se trata de corpos de seres humanos mortos, ou seja, assassinados.

Referências

- BRAGA, T. J. K. *A Territorialidade do servidor negro da Universidade Federal de Viçosa*. [S.l.], 2014. Citado na página 15.
- CARVALHO, J. J. de. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *REVISTA USP*, n. 68, p. 88–103, dez/fev 2005. Citado 5 vezes nas páginas 48, 49, 50, 51 e 52.
- CHRYSOSTOMO, M. I. d. J. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado 2 vezes nas páginas 50 e 51.
- COSTA, D. G. d. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado na página 50.
- CRUZ, A. d. S. C. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado 2 vezes nas páginas 50 e 51.
- DESPAIGNE, A. A. R. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado na página 50.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. [S.l.]: SciELO Brasil, 2007. 595–609 p. Citado na página 31.
- IPEA. *Retrato das desigualdades gênero e raça*. 2011. Citado na página 22.
- LOPES, I. d. S. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado 2 vezes nas páginas 50 e 51.
- QUEIROZ, D. M. et al. O negro na universidade. *Salvador: novos toques*, 2002. Citado na página 15.
- SANTOS, S. A. dos. Ações afirmativas nos governos fhc e lula: um balanço. *Revista TOMO*, 2014. Citado 3 vezes nas páginas 14, 16 e 19.
- SANTOS, S. A. dos. A universidade brasileira é um dos instrumentos para a produção. *Educere et Educare Revista de Educação*, v. 10, n. 20, p. 653–669, jul/dez 2015. Citado 2 vezes nas páginas 14 e 56.
- SANTOS, S. A. dos. *Pesquisa: Segurança e vivência nos campi da Universidade Federal de Viçosa*. Viçosa: UFV, 2016. Citado na página 15.
- SILVA, N. M. d. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado na página 50.
- SIQUEIRA, A. M. d. O. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado 2 vezes nas páginas 50 e 51.

SOUZA, J. Raça ou classe? sobre a desigualdade brasileira. *Lua Nova*, SciELO Brasil, v. 65, p. 43–69, 2005. Citado na página 14.

TEODORO, T. d. C. R. *Entrevista concedida a Luiz Flávio Conceição Divino*. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia]. Citado na página 51.